



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

João Pedro Dias Catulo

DE PORTAS ABERTAS:

O PAPEL DA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA DE
CARÁCTER COMUNITÁRIO EM NOVOS PROCESSOS
DE VALORIZAÇÃO CULTURAL DAS COMUNIDADES

**Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia
orientado pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho e apresentado à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.**

Outubro de 2021



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

João Pedro Dias Catulo

DE PORTAS ABERTAS:

O PAPEL DA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA DE
CARÁCTER COMUNITÁRIO EM NOVOS PROCESSOS
DE VALORIZAÇÃO CULTURAL DAS COMUNIDADES

**Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia
orientado pela Doutora Cláudia Pato de Carvalho e apresentado à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.**

Outubro de 2021

Índice

| | |
|--|-----|
| I. Agradecimentos | iii |
| II. Resumo | iv |
| III. Abstract | v |
| IV. Lista de Gráficos | vi |
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Objetivos do relatório | 3 |
| 3. Entidade de acolhimento | 4 |
| 3.1. Caracterização do estágio | 6 |
| 3.2. Ambiente do estágio | 7 |
| 4. Projeto <i>De Portas Abertas</i> | 8 |
| 4.1. Caracterização do Local de Intervenção | 9 |
| 4.2. Público-alvo | 12 |
| 4.3. Parcerias | 12 |
| 5. Enquadramento temático | 15 |
| 5.1. Tema e questão de partida | 15 |
| 5.2. Objetivos do estágio | 15 |
| 5.3. Estado da arte | 16 |
| 5.3.1. Intervenção Artística | 16 |
| 5.3.2. Identidade Cultural | 19 |
| 5.3.3. Mapeamento Cultural | 21 |
| 5.4. Relação temática com o projeto | 23 |
| 6. Metodologias | 25 |
| 6.1. Atividades Desenvolvidas | 26 |
| 6.2. Levantamento documental | 28 |

| | |
|---|----|
| 6.3. Reconhecimento espacial | 29 |
| 6.4. Aplicação de inquéritos | 35 |
| 6.5. Entrevistas | 38 |
| 6.6. Atividades durante a pandemia Covid-19 | 41 |
| 7. Resultados | 42 |
| 7.1. Relatório final do mapeamento | 42 |
| 7.2. Sociabilidades e Mapeamento dos Espaços e Lugares | 52 |
| 7.2.1. Relação com o Espaço | 53 |
| 7.2.2. Relação com a população local | 55 |
| 7.2.3. Relação com as instituições locais | 57 |
| 7.2.4. Papel das entrevistas no Mapeamento Cultural | 58 |
| 7.2.4.1. Bairro Social Fonte do Castanheiro | 58 |
| 7.2.4.2. Clube União de Coimbra/União 1919 | 60 |
| 7.2.4.3. Sociedade de Porcelanas | 64 |
| 8. Conclusões | 67 |
| 9. Referências bibliográficas | 71 |
| 10. Anexos | 75 |

I. Agradecimentos

Devido à natureza deste projeto ser-me-ia impossível listar todas as pessoas e/ou instituições com as quais estabeleci contacto e que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu crescimento académico, profissional e pessoal. Assim sendo, deixo um agradecimento geral a todos os que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos no meu percurso académico ao longo destes cinco anos e durante estes passados seis meses de estágio.

Deixo um mais pessoal agradecimento à instituição *O Teatrão*, e à sua direção, que me acolheu durante estes últimos seis meses e que trabalhou em sintonia com as minhas atividades de forma sempre profissional, não deixando de oferecer orientação quando necessária. Destaco o apoio dado pelo meu colega Daniel Lavrador que, estando também a estagiar na mesma instituição e no mesmo projeto, sempre trabalhou em conjunto comigo, servindo não só como conselheiro, mas também como um apoio amigo ao longo do estágio e do meu percurso académico.

Gostaria também de agradecer à Doutora Cláudia Carvalho que aceitou ser minha orientadora, tanto pela Faculdade de Economia como pela instituição de acolhimento, tendo sido ela quem me inseriu neste projeto e que ao longo do mesmo me orientou.

Finalmente deixo um enorme agradecimento aos meus pais, cujos esforços permitiram que eu tivesse a oportunidade de estudar com o fim de me tornar mestre em Sociologia.

II. Resumo

O relatório que se segue baseia-se no projeto artístico-comunitário realizado no Vale da Arregaça, em Coimbra, *De Portas Abertas* organizado pelo Teatrão (Oficina Municipal de Teatro).

Fui incorporado neste projeto como um membro da equipa de mapeamento cultural do Vale. Com a informação recolhida durante este processo sobre o espaço e a sua população, pretendo melhor compreender de que forma as tradições e práticas culturais previamente presentes no dia-a-dia do Vale se têm vindo a descontinuar e de que forma intervenções artísticas, como este projeto, podem contribuir para a revitalização da identidade local de espaços como o Vale da Arregaça.

A cultura local contribui particularmente para a singularidade da identidade local, mas, no Vale da Arregaça a cultura histórica é um elemento que se tem vindo a desvalorizar. Apesar da existência de vários elementos de importância histórica no Vale da Arregaça, percebemos que estes são maioritariamente desconhecidos pela população de Coimbra, e, por vezes, mesmo para a própria população do Vale da Arregaça.

A metodologia aplicada foi escolhida de modo a obter um abrangente conglomerado de dados que pudessem ser flexíveis na sua análise, e foi aplicada em fases: inicialmente, foi realizada uma observação direta da área de estudo e dos seus marcos históricos; de seguida foi feita uma recolha bibliográfica e análise documental; sendo a fase final o contacto direto com a população local através da aplicação de inquéritos por questionário, realização de entrevistas semiestruturadas e respetiva análise estatística dos resultados dos inquéritos.

A informação presente neste relatório irá basear-se nos resultados da fase de mapeamento e nos dados estatísticos que dela surgiram para tirar as suas conclusões.

Palavras-chave: Vale da Arregaça; *De Portas Abertas*; Identidade local; Cultura local e histórica, Projeto artístico-comunitário.

III. Abstract

The following report is based on the artistic-community project carried out in Vale da Arregaça, in Coimbra, *De Portas Abertas* organized by Teatrão (Oficina Municipal de Teatro).

I was incorporated into this project as a member of the cultural mapping team of the Vale. With the information collected during this process about the space and its population, I intend to better understand how the cultural traditions and practices previously present in the day-to-day of the Vale have been discontinued and how artistic interventions, such as this one, can contribute to the revitalization of the local identity of spaces such as Vale da Arregaça.

Local culture contributes particularly to the uniqueness of the local identity, but in Vale da Arregaça historical culture is an element that has been devalued. Despite the existence of several elements of historical importance in Vale da Arregaça, we realized that these are mostly unknown to the population of Coimbra, and, sometimes, even to the population of Vale da Arregaça.

The applied methodology was chosen in order to obtain a comprehensive set of data that could be flexible in its analysis, and was applied in phases: initially, a direct observation of the study area and its historical landmarks was carried out; then a bibliographic collection and documentary analysis was carried out; the final phase being the direct contact with the local population through the application of questionnaire surveys, conducting semi-structured interviews and the respective statistical analysis of the survey results.

The information present in this report will be based on the results of the mapping phase and the statistical data that emerged from it to draw its conclusions.

Keywords: Vale da Arregaça; *De Portas Abertas*; Local identity; Local and historical culture; Artistic-community Project.

IV. Lista de Gráficos

Gráfico N°1 - Distribuição dos Inquéritos Aplicados por Área de Estudo

Gráfico N°2 - Faixa Etária (segmentada) dos Moradores do Vale da Arregaça

Gráfico N°3 - Tempo de Vivência no Vale da Arregaça

Gráfico N°4 - Opinião dos Inquiridos relativamente à Oferta Cultural em Coimbra

Gráfico N°5 - Opinião dos Inquiridos relativamente à Divulgação da Oferta Cultural em Coimbra

Gráfico N°6 - Opinião dos Inquiridos relativamente à Divulgação das Entidades Culturais em Coimbra

Gráfico N°7 - Interesse dos Inquiridos em participar em Eventos Culturais no Vale da Arregaça

Gráfico N°8 - Interesse dos Inquiridos em participar no Projeto *De Portas Abertas*

Gráfico N°9 - Opinião dos Inquiridos sobre a criação de Oferta Cultural baseada em Tradições

1. Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito do plano de estudos do 2º ano de mestrado em Sociologia, realizado na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Irei utilizar como base da escrita deste relatório o estágio curricular que realizei no contexto d'O Teatrão, companhia profissional de teatro sediada em Coimbra na Oficina Municipal do Teatro. Neste relatório vou referir todas as atividades que foram realizadas no âmbito do projeto *De Portas Abertas*, projeto artístico de intervenção comunitária onde trabalhei diretamente durante os 6 meses de duração do meu estágio curricular (equivalente a 560 horas totais de estágio).

O trajeto académico que segui na área da Sociologia permitiu que eu adquirisse vários conhecimentos, metodologias e práticas que foram usadas durante o meu estágio curricular. Foi, contudo, particularmente importante a capacidade de reflexão e crítica que fui desenvolvendo no curso de Sociologia. Estas capacidades permitiram-me observar a sociedade e os fenómenos que nela se originam de uma forma objetiva e não enviesada. Neste momento, sinto-me capaz de analisar o ambiente de constante evolução em que a sociedade se insere, e, dessa forma, perceber como é que os indivíduos se inserem na sociedade e o papel que desempenham para contribuir para a constante evolução ocorrente. Esta relação entre a sociedade e os indivíduos que a constituem salienta, para olhares mais críticos, os vários problemas sociais existentes no funcionamento da sociedade. Foi, portanto, com uma mentalidade crítica que procurei analisar os vários problemas sociais que foram surgindo ao longo do meu estágio curricular e, dentro dos possíveis, tentar perceber de que forma esses problemas poderiam ser resolvidos. Tendo essa perspetiva reflexiva e crítica em conta, durante o estágio curricular explorei uma zona da cidade de Coimbra, o Vale da Arregaça, que pertence à Junta de Freguesia Santo António dos Olivais. No decorrer do projeto *De Portas Abertas* tive a chance de conhecer todas as infraestruturas, habitações, associações e espaços arruinados presentes no Vale da Arregaça. Tive, também, a oportunidade de perceber quais os problemas sociais presentes no Vale, particularmente, o abandono por parte das instituições municipais sentido pelos moradores do Vale e a forma como isso moldou a

imagem de abandono do Vale. Esta perspetiva era partilhada com o Teatrão, pois foi o que levou a que o projeto *De Portas Abertas* pretendesse estabelecer uma relação mais próxima com a comunidade do Vale da Arregaça, respeitando as suas particularidades sociais e culturais, e, a partir delas, apresentar um espetáculo de carácter comunitário.

O meu papel no projeto foi a minha participação no processo de mapeamento cultural do Vale da Arregaça. Para tal, fiz parte da construção e aplicação de inquéritos aos moradores do Vale, orientei a aplicação desses mesmos inquéritos por parte de uma turma de alunos da Escola Secundária Quinta das Flores, contribuí para a análise estatística dos dados retirados da aplicação de inquéritos, fui participante em reuniões com as várias associações e instituições presentes no Vale da Arregaça, ajudei a preparar e participei na realização de entrevistas semiestruturadas a vários moradores, ex-trabalhadores da abandonada fábrica (Sociedade de Porcelanas) da Arregaça e a outras personalidades consideradas relevantes para o projeto *De Portas Abertas*.

Para uma melhor compreensão das atividades por mim desenvolvidas, irei, no decorrer do presente relatório, entrar em maior detalhe sobre cada atividade realizada (em particular no ponto referente às Metodologias), relacionando-as com a temática que escolhi e tirando conclusões a partir das mesmas. Irei também fazer uma introdução sobre a entidade de acolhimento deste estágio curricular, o Teatrão, apresentar mais profundamente o projeto *De Portas Abertas*, apresentar os resultados do processo de mapeamento cultural e tirar as conclusões finais relativas ao estágio curricular, ao projeto onde participei e ao presente relatório.

2. Objetivos do Relatório

Este relatório de estágio procura dar luz ao meu envolvimento no projeto de intervenção artístico-comunitária *De Portas Abertas*, projeto que fez parte do meu estágio curricular realizado no Teatrão (entre setembro de 2019 e março de 2020). Com este relatório pretendo:

- Analisar o processo de mapeamento, no qual participei diretamente;
- O projeto como um todo (idealização, preparação e apresentação);
- A forma como este procurava afetar a comunidade do Vale da Arregaça, relacionando todos estes pontos com o tema do relatório.

O Vale da Arregaça é um espaço interessante, pois demonstra contrastes óbvios com o ambiente onde se insere. Estando localizado no centro urbano de Coimbra, o Vale da Arregaça é um espaço rural, onde podemos observar vários fatores de desigualdade social. A pandemia do Covid-19 reforça a crise social e económica já há muito presente em Portugal e, como tal, ecossistemas como o do Vale da Arregaça, já empobrecidos e marginalizados, sofrem particularmente.

Através da minha participação neste projeto estabeleci contacto direto com os residentes do Vale da Arregaça e, com a sua colaboração, obtive uma perspetiva fidedigna do dia-a-dia daquela comunidade. Pela observação direta e pelas conversas que tive com os habitantes, deu para perceber que a desigualdade social presente no Vale é notória, em particular no Bairro Social da Fonte do Castanheiro. Esta desigualdade está bem evidente no edificado do bairro social, com muitas casas vazias e arruinadas. Por outro lado, é notória desconexão existente entre os habitantes do Vale e, conseqüentemente, a perda das tradições e valores culturais locais. Tudo isto contribui para a ideia que os habitantes do Vale têm sobre a perceção negativa que julgam que a cidade de Coimbra tem sobre o próprio Vale. Este aspeto dá origem a um sentido de marginalização desta zona e dos seus habitantes.

O projeto *De Portas Abertas* pretende relevar estes problemas através de uma intervenção artística teatral no Vale da Arregaça, apelando, de certa forma, a uma estratégia de intervenção social, cultural e económica no Vale que permita diminuir o sentido de exclusão presente no dia-a-dia desta comunidade e deste lugar.

3. Entidade de Acolhimento

Este estágio foi realizado em parceria com o Teatrão (Oficina Municipal de Teatro), uma companhia profissional de teatro localizada em Coimbra, mais especificamente, na Oficina Municipal do Teatro.

O Teatrão foi fundado por Manuel Guerra em 1994. A fundação da companhia resultou do evento 'Coimbra Capital do Teatro' e até 2002, o Teatrão criava espetáculos para a infância. Devido ao apoio da Secretaria de Estado da Cultura, o Teatrão conseguiu criar relações com as escolas de Coimbra e isso abriu as portas para outro tipo de espetáculos. Em Novembro de 2002, com a apresentação de um espetáculo que usou a obra 'Xmas Qdo Kiseres', de Jorge Loureiro Figueira, como base, o Teatrão abriu o seu trabalho para públicos de outras faixas etárias. Em 2008, o Teatrão passa a gerir a Oficina Municipal do Teatro, e com uma base regular começa a trabalhar num projeto ambicioso. Este projeto pretende explorar territórios comuns com a comunidade local e aproximar-se dessa mesma comunidade, tanto a nível da cidade como da região em geral. O projeto procura também alargar a sua oferta, tanto a nível educacional como no que respeita à variedade de abordagens teatrais nos espetáculos apresentados. Este ano foi também crucial devido ao 'Projeto Bando à Parte', apoiado pelo Programa PARTIS: Práticas Artísticas para a Inclusão Social, da Gulbenkian, e que inicia um processo de internacionalização da oferta educativa do Teatrão, formando parcerias na Bélgica, Holanda, Itália, Irlanda e Reino Unido. No ano de 2012, é criado o consórcio 'Linhas Cruzadas', que contou com parcerias da 'Casa da Esquina', 'Círculo de Artes Plásticas de Coimbra', 'Jazz ao Centro' e a Câmara Municipal de Coimbra, para participar nos concursos tripartidos da Direção-Geral das Artes. Já em 2014, o Teatrão concebe e lidera o projeto 'Rede Artéria'. Este projeto tem como objetivo criar uma rede de programação cultural e criação artística em 8 territórios da Região Centro, nomeadamente, Belmonte, Coimbra, Figueira da Foz, Fundão, Guarda, Ourém, Tábua e Viseu. Esta rede tem como foco criar uma programação teatral em espaços patrimoniais, recuperados ou em processo de requalificação das respetivas cidades, fortalecendo o impacto cultural e artístico nos mesmos territórios.

Atualmente, o Teatrão está focado nos tópicos tratados nas suas dramaturgias e na disponibilidade de ter ofertas culturais variadas para o seu público, permitindo um envolvimento direto nas atividades teatrais através das classes de teatro. Estas classes representam um espaço de aprendizagem sobre o mundo teatral e são abertas a todas as faixas etárias. Os objetivos são a formação, mas também o desenvolvimento de opinião crítica sobre diferentes tipos de questões do mundo contemporâneo.

Uma particularidade interessante da companhia presente nos espetáculos e nas classes de teatro é a vontade de relacionar os tópicos abordados e a atividade artística que desses tópicos surge com a população local e com a comunidade em geral. Com este projeto, o Teatrão procura não só chamar a atenção para situações sociais ou espaços geográficos, mas também envolver a comunidade na construção de tais ofertas, desenvolvendo o conhecimento sobre tais tópicos/espaços. A iniciativa de envolver, não só as comunidades como as associações e outras companhias relevantes, é uma característica inovadora que permite às dramaturgias atingir um nível único de identidade. No caso do projeto *De Portas Abertas* especificamente, a população e o espaço são inseridos como elementos da construção e da apresentação artística.

A programação cultural da companhia não se resume só à atividade teatral, incluindo também a atividade musical. O Teatrão dispõe de um espaço denominado de “Tabacaria” onde artistas de vários estilos musicais são recebidos. O objetivo é ampliar a oferta cultural e dar voz a artistas menos conhecidos.

Esta oferta, variada e flexível, permite que o Teatrão se destaque a um nível cultural pela forma como aborda a atividade artística. A envolvência com o público, muitas vezes de forma bastante direta, legitima ainda mais as mensagens transmitidas, pois reforça a sua voz como público envolvido. Esta estratégia de ação é apelativa, mesmo para um público que por vezes se pode demonstrar culturalmente passivo.

3.1. Caracterização do Estágio

O estágio curricular teve uma duração de 6 meses, decorrendo entre 16 de Setembro de 2019 e 13 de Março de 2020 sob tutela d' O Teatrão. Devido ao confinamento causado pela pandemia de Covid-19, atividades posteriores a esta data foram realizadas através de teletrabalho. No total, este estágio teve um total de 560 horas.

A orientar o estágio esteve Isabel Craveiro, diretora artística d' O Teatrão, atriz e coordenadora do projeto *De Portas Abertas*. A orientadora do meu relatório de estágio foi a Doutora Cláudia Pato de Carvalho. Para além de socióloga e investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, desempenha também funções como vogal, na direção geral d' O Teatrão.

Os objetivos principais deste estágio curricular são os seguintes:

- Estimular a integração da equipa na fase de mapeamento do projeto, no Vale da Arregaça em Coimbra;
- Chamar atenção para a relevância de projetos de intervenção artística e para o papel dos mesmos no desenvolvimento urbano;
- Relacionar conhecimentos académicos e o desenvolvimento e aplicação de projetos de intervenção em Coimbra;
- Compreender melhor as possibilidades de cruzamento de conhecimentos artísticos e as metodologias das ciências sociais;
- Desenvolver conhecimentos relativos à criação, aplicação e apresentação de um projeto artístico-comunitário.

Todas as atividades planeadas e realizadas tinham o intuito de complementar o processo de mapeamento do Vale da Arregaça. Para este mapeamento contactamos diretamente com moradores, associações, escolas, espaços e outras instituições locais de referência, parceiros diretos e indiretos do trabalho no local. Através deste contacto direto, foi-nos permitido recolher informação imaterial como histórias de vida relacionadas com o local, assim como um conjunto de testemunhos de residentes e dirigentes associativos.

Todo o material recolhido durante a fase de mapeamento contribuiu para a construção de uma dramaturgia para o espetáculo teatral, espetáculo denominado *De Portas Abertas* ao ar livre, realizado no Vale da Arregaça nos dias 11, 12 e 13 de setembro de 2020.

Este tipo de projetos pretende promover a identidade cultural local através de um trabalho de intervenção artística e comunitária. Este projeto conseguiu, através de contribuições comunitárias, trazer à luz acontecimentos do dia-a-dia da população do Vale da Arregaça, outrora escondidos para as populações dos arredores do Vale. O interesse do projeto em dar uma voz às histórias dos moradores do Vale da Arregaça desenvolveu uma proximidade entre os mesmos e o projeto, envolvendo também instituições locais na formação das fases seguintes (2021-2022) do projeto *De Portas Abertas*.

3.2. Ambiente do Estágio

Devido à natureza do estágio e da necessidade de trabalho de terreno para a evolução do mapeamento, o local do estágio variava entre a Oficina Municipal do Teatro e o Vale da Arregaça. A integração na equipa foi um elemento de grande importância durante a preparação do projeto, e foi algo evidente pela realização de reuniões conjuntas, apresentações dos diferentes membros e facilidade de ligação entre os vários membros do projeto. O acompanhamento do progresso do projeto foi sempre supervisionado pela Isabel Craveiro, pela Cláudia Pato Carvalho e pela Sofia Coelho, elemento do Teatrão e que na maior parte das vezes nos acompanhava no trabalho no terreno. Apesar do contexto profissional e da seriedade direcionada ao projeto e às atividades realizadas, existiu sempre um elemento informal nas interações entre os membros do projeto, o que fortalecia a integração e o bom funcionamento dos trabalhos.

4. Projeto *De Portas Abertas*

O projeto *De Portas Abertas* é uma ambiciosa intervenção artística e comunitária que tem como finalidade, através da conexão entre as ciências sociais e o teatro, realizar dois espetáculos de teatro de rua, uma em Junho de 2020 e outra em Junho de 2021, na zona do Vale da Arregaça em Coimbra. O projeto alarga o seu foco para além das peças de teatro que pretende realizar ao estabelecer uma relação pessoal de proximidade com os moradores e com o espaço de estudo.

Este projeto tem um variado número de objetivos que eu considero que se dividem em duas categorias: objetivos para o Teatrão e objetivos para a zona de intervenção do Vale da Arregaça.

Os objetivos para o Teatrão focam-se na integração na equipa. De relevar a necessidade de articulação constante entre as áreas das ciências sociais e a área artística para o desenvolvimento do processo de mapeamento do Vale. Pretende-se também que se venha a observar uma valorização da importância da intervenção artística no desenvolvimento das comunidades urbanas, chamando a atenção de agentes sociais, do poder local, artistas e estudantes para este projeto, e, potencialmente, para projetos futuros semelhantes. Como consequência do objetivo anterior, procura-se também, através da relação de investigação direta entre a formação académica e o desenvolvimento de projetos de intervenção, perceber de que forma se pode estabelecer uma relação de entreajuda entre estudantes e artistas. Desta forma, pretende-se criar novas possibilidades para a criação de conhecimento através da ligação da criação artística e das metodologias das Ciências Sociais. Finalmente, melhor compreender os processos através dos quais se pode concretizar um projeto de intervenção artística, seguindo a sua conceção, processo de investigação e de criação e a sua apresentação.

Quanto aos objetivos do projeto para o espaço do Vale da Arregaça, estes focam-se no chamar de atenção para vários elementos constituintes do espaço de estudo, nomeadamente para o quão degradado e mal-amado este espaço aparenta ser, tanto por habitantes como pelo poder local. Como referi, este

projeto pretende contar as histórias dos habitantes da Arregaça, mas não só. Procura-se, a partir das histórias dos moradores, relativas a experiências passadas no Vale da Arregaça, reunir informação que possa influenciar a criação de uma nova dramaturgia sobre o Vale e os seus legados materiais e imateriais. O projeto não quer apenas contar as histórias das pessoas, mas sim cruzá-las com a construção de ficção (Craveiro, 2019). Afinal, a ideia não é só chamar a atenção para todas as imperfeições da Arregaça, mas sim demonstrar todos os seus charmes e valores históricos muitas vezes desconhecidos para a cidade de Coimbra.

A dramaturgia dos dois espetáculos a realizar seria alimentada diretamente pelo processo de mapeamento cultural, do qual faria parte a pesquisa documental, aplicação de inquéritos e entrevistas a residentes, trabalhadores e proprietários de espaços que existem ou existiram no Vale da Arregaça. Para desenvolver as relações estabelecidas inicialmente pelo processo de mapeamento com os moradores, muitos dos moradores foram convidados a ir ver espetáculos na Oficina Municipal de Teatro. Para além das atividades realizadas, havia também planos de, através das parcerias estabelecidas, realizar atividades paralelas aos espetáculos. Estas atividades eram: Oficinas na Arregaça, onde se realizariam jogos tradicionais em colaboração com o Departamento de Juventude e Desporto da Câmara Municipal de Coimbra; Leituras na Arregaça de textos teatrais para a infância; Concertos na Arregaça, com a parceria do Curso de Jazz do Conservatório de Coimbra.

O desenvolvimento relacional com a população da Arregaça e com os parceiros do projeto só salientou ainda mais a importância deste projeto, motivando ainda mais a equipa do *De Portas Abertas* a repensar a intervenção de modo melhor trabalhar com a população da Arregaça, que sempre nos acolheram bem.

4.1. Caracterização do Local de Intervenção

Uma das principais razões para a escolha do Vale da Arregaça de Coimbra para espaço de estudo pelo Teatrão foi a sua singularidade relativamente ao resto

de Coimbra. Este é um lugar central na cidade, localizando-se entre a Rua do Brasil e o Bairro Norton de Matos, tendo como fronteira o rio Mondego no lado poente, no qual se observam microuniversos completamente únicos. Observam-se vários espaços rurais na Arregaça, nomeadamente quatro quintas seladas de grande dimensão, duas delas ainda habitadas. Ficámos a conhecer, através de uma visita guiada, o terreno de um senhor que tem um rebanho e vários outros animais no seu quintal. Falámos ainda com outro senhor mais idoso que habita no terreno de uma das ditas quintas cujos hábitos de vida são extremamente rurais, estando completamente desconetado de vizinhos e do espaço urbano em seu redor, sendo mais um exemplo da ruralidade isolado do espaço urbano que é Coimbra.

Um local mais comum nesta área, e talvez mais conhecido para o resto da cidade, é o Campo de Futebol do União 1919, que ainda hoje treina jovens atletas. No elemento do desporto, destaca-se também o Grupo Desportivo da Arregaça, conhecido pelas suas aulas de Kickboxing, e os campos de ténis, localizados junto ao Bairro Social Fonte do Castanheiro. Este bairro é, possivelmente, dos espaços destacados mais interessantes, pois é um elemento central da história de Coimbra e da Universidade. O bairro social Fonte do Castanheiro foi um de dois (o outro foi o Bairro de Celas) espaços escolhidos para o realojamento de moradores da Alta da cidade, os chamados salatinas, quando se procedeu ao alargamento da Universidade. Trata-se de um espaço alargado que ocupa cinco ruas diferentes, começando na Rua Fonte do Castanheiro, junto à EDP, ocupando a Rua das Fogueiras localizada diretamente acima da anterior, a Rua 13 de Maio, a Rua do Mondego e a Rua Verde Pinho. Achei interessante destacar este pormenor, pois a decadência das habitações observa-se numa escala crescente, sendo que se vêem casas mais bem tratadas e que aparentam mais habitáveis na Rua Fonte do Castanheiro e na Rua das Fogueiras, sendo as habitações da Rua do Mondego e da Rua Verde Pinho os seus contrastes no que toca à aparência das habitações, havendo até, na Rua Verde Pinho, pessoas a viverem em caves, localizadas por trás das casas de outros moradores (o espaço descrito pode ser visto no Anexo N^o1, referente ao Mapa do Vale da Arregaça).

Finalmente, destaco os pontos de referência históricos aos quais mais atenção se prestou durante a fase de mapeamento e durante a construção da

dramaturgia. . A Fábrica de Porcelanas (Sociedade de Porcelanas de Coimbra), que encerrou em 2005, foi fundamental para o nosso estudo pois é, talvez, o espaço mais paradigmático da zona devido ao seu encerramento abrupto e às manifestações que se realizaram em protesto desse encerramento. Destaca-se também a ferrovia que atravessa o espaço fronteiriço da Arregaça. Finalmente, é de relevar também a Fonte do Castanheiro, um espaço pequeno e extremamente mal tratado, que outrora serviu como fonte de água potável para a população do bairro social, e como ponto de encontro festivo para os mesmos, não passando hoje de uma memória de tempos passados.

Concluo este tópico com uma caracterização geral do Vale da Arregaça de Coimbra, espaço que eu classificaria como maioritariamente rural. O Vale tem um rico potencial e um conjunto de negócios locais para além dos já mencionados, como as duas creches, a EDP e vários outros negócios de menor dimensão como cafés, escritórios, entre outros. A imagem que nos é transmitida por este espaço está relacionada com um certo passadismo, havendo ainda elementos antigos que não se encontram em mais lado nenhum, nomeadamente a existência de Quintas nobres. o longo dos anos, vários planos de reabilitação espacial foram feitos, envolvendo o Vale da Arregaça, apesar de ainda nenhum ter sido completado com sucesso, apesar do contínuo movimento de resistência da população local.



Anexo Nº1 – Mapa do Vale da Arregaça

4.2. Público-Alvo

O Vale da Arregaça é um espaço com uma população temporária, havendo imensos moradores estudantes e trabalhadores temporários, levando a que o espaço se desertifique durante certos períodos do ano. A população mais permanente é maioritariamente idosa, e desconetada dos moradores mais jovens.

O projeto *De Portas Abertas* pretende chamar à atenção do Vale da Arregaça, apesar de hoje em dia estarem menos visíveis as tradições culturais outrora praticadas. Este apelo tem como alvo a população de Coimbra em geral, exterior ao Vale, mas também os presentes moradores do mesmo. Curiosamente, um dos aspetos comuns mencionados pelos habitantes mais antigos do Vale da Arregaça é que os próprios habitantes do Vale não valorizam o espaço onde vivem nem as suas tradições. É então importante para o projeto que as comunidades que não habitam o Vale se apercebam dos problemas que lá existem e do potencial que as práticas e tradições culturais têm, mas é também relevante que a presente população, temporária ou mais permanente, se interesse pela história cultural do espaço.

As instituições seguintes, pelo facto de serem parceiras e estarem presentes no Vale da Arregaça fazem, também, parte do público-alvo: a Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro, o Clube de Ténis de Coimbra, o Clube União 1919, o Clube de Pessoal EDP, o Grupo Desportivo da Arregaça e a Escolinha Encantada.

4.3. Parcerias

Um projeto desta dimensão e ambição necessita de parcerias que garantam o bom funcionamento do mesmo, seja através de divulgação, recrutamento de recursos humanos, financiamento ou reforços para o processo de mapeamento. Destaco primeiramente os principais financiadores do projeto:

- A Câmara Municipal de Coimbra, nomeadamente os Departamentos de: Cultura, Urbanismo, Desporto, Habitação Social, Obras e Infraestruturas, Ambiente e Espaços Verdes.

De seguida, os parceiros que forneceram apoios mais abrangentes para a produção e organização do projeto:

- A Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais, através da realização de uma entrevista ao presidente e através de apoios variados na produção e organização do projeto e do espetáculo;

- Associação Artística e Cultural Salatina, pela sua participação no mapeamento cultural através do preenchimento de inquéritos e pela seu desempenho na banda sonora do espetáculo;

- O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias da Cerâmica, Cimentos, Construção, Madeiras Mármores e similares da Região Centro, pela sua ajuda no processo de mapeamento através de conversas com ex-sindicalistas e ex-trabalhadores da Sociedade de Porcelanas de Coimbra, Fábrica de porcelanas agora abandonada no Vale da Arregaça;

- O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, pelo acompanhamento do processo de mapeamento cultural do Vale da Arregaça;

- A Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, pela inserção de dois alunos de Mestrado em Sociologia no processo de mapeamento do projeto. Estes alunos realizaram um estágio curricular com a duração de 6 meses (Setembro de 2019 a Março de 2020) no contexto do projeto *De Portas Abertas*.

Para além dos parceiros já referidos, destaco também parcerias locais que tiveram um envolvimento mais direto durante o processo de mapeamento e da produção do espetáculo:

- A Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro, pela divulgação do projeto e pela ajuda na identificação de moradores potencialmente interessados em participar no projeto;

- O Clube de Ténis de Coimbra, pela sua participação no processo de mapeamento e pelo apoio logístico à produção do espetáculo;

- O Clube União 1919, por fornecer o espaço onde se realizou o espetáculo, o Campo da Arregaça;
- O Clube de Pessoal EDP, pela sua realização de inquéritos durante o processo de mapeamento;
- A Escola Secundária Quinta das Flores, pela participação dos seus alunos de 12º ano na aplicação de inquéritos porta a porta aos moradores do Vale da Arregaça (1ª Fase de aplicação - Dezembro de 2019; 2ª Fase de aplicação - Janeiro de 2020);
- O Grupo Desportivo da Arregaça, pelo conjunto de informações que forneceu durante a realização de entrevistas a membros do grupo e por ceder o espaço para a realização de atividades paralelas;
- A Escolinha Encantada, pela sua participação no processo de mapeamento cultural enquanto inquiridos;
- O Curso de Jazz do Conservatório de Coimbra, pela sua participação musical no espetáculo;
- O Metro Mondego, por informação disponibilizada para o processo de mapeamento;
- As Infraestruturas de Portugal, por informação disponibilizada para o processo de mapeamento;
- O Museu da Paisagem, por informação disponibilizada para o processo de mapeamento;
- O Museu da Vista Alegre, por informação disponibilizada para o processo de mapeamento;
- O Movimento Lousã pelo Ramal/Movimento de Defesa do Ramal da Lousã, por informação disponibilizada para o processo de mapeamento.

5. Enquadramento Temático

Com este relatório, pretendo compreender de que forma a intervenção artística de carácter comunitário *De Portas Abertas* contribuiu para novos processos de valorização da história local e de um conjunto de práticas culturais ligadas às tradições e às práticas culturais das comunidades locais. Para tal, tendo em conta as minhas experiências como participante direto no projeto *De Portas Abertas*, irei realizar a minha análise a partir de três conceitos: Intervenção Artística, Identidade Local e Mapeamento Cultural. Estes conceitos inserem-se na narrativa do projeto já que procurei realçar os elementos culturais identitários exclusivos do Vale da Arregaça e da sua população.

5.1. Tema e Questão de Partida

Tema: “O papel da intervenção artística de carácter comunitário em novos processos de valorização cultural das comunidades”

Questão de Partida: A questão de partida que escolhi foi então: “De que forma é que a intervenção artística de carácter comunitário pode contribuir para novos processos de valorização da história local e de um conjunto de práticas ligadas às tradições e às práticas culturais das comunidades?”.

5.2. Objetivos do Estágio

Depois do estudo do material teórico procurei definir objetivos que pudessem facilitar a estruturação do relatório e das minhas conclusões relativas ao estágio. O objetivo geral diz respeito a um elemento mais abrangente, enquanto que os objetivos específicos foram definidos para melhor direcionar a informação recolhida, e para eficazmente responder à questão de partida colocada.

Objetivo Geral: Entender de que forma os projetos de intervenção artística de carácter comunitário se relacionam com as comunidades e espaços locais.

Objetivos Específicos:

- Compreender as estratégias adotadas pelo projeto *De Portas Abertas* para a integração da comunidade e do espaço de estudo no desenvolvimento do projeto;

- Analisar a perspectiva dos residentes do Vale da Arregaça relativamente a este projeto e outros de natureza semelhante que procurem envolver diretamente o público;

- Perceber a forma como o projeto *De Portas Abertas* contribuiu para a reconfiguração de tradições culturais do Vale da Arregaça e perceber a forma como essa reconfiguração afetou os residentes do Vale.

5.3. Estado da Arte

Um projeto deve ter como ponto de partida a escolha de leituras a realizar, consideradas relevantes para a abordagem teórica sobre a qual esse projeto procura incidir (Quivy, 2005). Este relatório procura entender de que forma a intervenção artística de carácter comunitário pode influenciar as culturas locais, reconfigurando elementos tradicionais e refletindo sobre a influência desses elementos na redefinição das identidades locais. Para tal, vou-me focar em três conceitos fulcrais para a discussão: Intervenção Artística, Identidade Cultural e Mapeamento Cultural. A relação destes conceitos é evidente devido à natureza do projeto *De Portas Abertas* de envolvimento da comunidade e culturas locais na sua conceção e implementação.

5.3.1. Intervenção Artística

A influência da intervenção artística neste projeto é um aspeto fundamental da própria identidade do projeto *De Portas Abertas*. É um elemento de grande importância para a narrativa do projeto e para o tema deste relatório. A partir da

citação seguinte podemos perceber a presença indispensável da intervenção artística na cultura artística contemporânea:

[...] passa-se a entender a arte da intervenção urbana como uma manifestação que vem abarcar com a transversalidade dessa rede de conceitos, que brotam em campos de dimensões diversas e variáveis muito abrangentes no ambiente da cultura artística contemporânea. Essas características híbridas da linguagem da intervenção urbana são capazes de ultrapassar, inclusive, as fronteiras da própria arte, projetando-se na vida cotidiana, como foi preconizado nas vanguardas históricas da Alta Modernidade do início do século XX, em que a arte deveria fazer parte da vida. (Barja, 2008, p.214)

A capacidade de influenciar a reflexão presente na prática da intervenção artística é impressionante e é algo que se tem vindo a observar ao longo dos anos. Um exemplo de manifestação pela arte que se pode observar um pouco por todo o mundo é Graffiti. O Graffiti é uma forma de intervenção no espaço diferente da do projeto *De Portas Abertas*. Assim assume-se como “[...] uma operação, quer individual, quer de um grupo, que permite transformar lugares, para estabelecer a comunicação [...]. Permite às pessoas participar na transformação dos espaços urbanos [...]” (Dos Santos Vieira e Silva, 2008, p.3)

De uma forma geral, a intervenção artística pode ser vista como a transmissão de mensagens subtis através da arte, e é de facto isso que observamos no projeto *De Portas Abertas*. Seguindo as definições presentes no dicionário Língua Portuguesa Online, intervir é definido como: “Tomar parte em. = Participar; Meter-se de permeio; Ingerir-se, interferir, interceder.” (Url: <https://dicionario.priberam.org/intervir>). Podemos assim perceber que, por vezes, estes projetos não pretendem modificar o espaço de intervenção, mas sim estar presentes no mesmo. A presença do projeto *De Portas Abertas* no Vale da Arregaça, e o conseqüente espetáculo lá apresentado, serviram como uma forma subtil de chamar à atenção de elementos culturais, presentes no Vale e que se encontravam esquecidos, com potencial para poderem ser re configurados e apropriados .

A intervenção artística no espaço público simboliza a intervenção artística na cidade, pois “[...] o espaço público, parte integrante do espaço urbano, é a essência da cidade, logo representa-a.” (Rola, 2010, p.15)

Isto revela-se particularmente interessante se considerarmos o contexto geográfico do Vale da Arregaça. Como já referi neste relatório, o Vale da Arregaça é um espaço geograficamente interessante. É um espaço com uma forte presença rural apesar da sua localização central no centro urbano da cidade de Coimbra. Com o passar do tempo, este elemento de ruralidade (trazido principalmente pelas várias quintas presentes no Vale) tem vindo a dissipar-se e isso, para a Arregaça, pode vir a ser problemático. Um espaço ou comunidade que abdique dos seus elementos característicos pode sofrer uma crise identitária. Este facto tornou-se particularmente evidente a partir de conversas com residentes do Vale onde muitos se queixaram das mudanças referentes à falta de conexão entre os moradores, abandono dos espaços outrora lotados (a área da Fonte do Castanheiro, por exemplo), entre outros aspetos. Neste contexto, o projeto *De Portas Abertas* assume um papel de intervenção interessante. Com o passar do tempo, a comunidade do Vale da Arregaça desenvolveu problemas de definição identitária, tanto pela mudança geracional, como pelas consequências da passagem do tempo: abandono de quintas e da Fábrica de Porcelanas, falecimento dos moradores mais idosos, migração de uma população jovem menos apegada ao espaço onde vivem. A intervenção artística *De Portas Abertas* é sensível a esta fragilidade ao tentar inserir os moradores na construção do projeto, “[...] tornando assim os sujeitos agentes da sua própria socialização.” (Gómez, 1998).

A intervenção artística por parte d’O Teatrão foi sensível a esta realidade social, cultural, política e económica. Havia uma perceção de que o Vale da Arregaça era um espaço variado e com potencial criativo. Havia, também, noção de que devido à fragilidade aparente do Vale e da sua comunidade, a abordagem inclusiva e de carácter participativo era o elemento mais importante para o sucesso da iniciativa junto dos moradores do Vale. O estabelecer de relações (com moradores e instituições locais) permitiu melhor compreender a dinâmica identidade-comunidade presente no Vale e através dessa dinâmica, foi possível construir um projeto e, conseqüentemente, um espetáculo adequado à missão do projeto e que respondesse às necessidades do Vale da Arregaça e da sua comunidade.

5.3.2. Identidade Cultural

A identidade cultural define-se por um conjunto variável de elementos que formam a cultura de um determinado grupo, fazendo com que este se diferencie de outros grupos. Este conceito foi particularmente relevante para este projeto, pois foram as particularidades do Vale da Arregaça e das suas comunidades que foram a base de inspiração para a construção de uma dramaturgia do espetáculo teatral. Vários elementos culturais (materiais e imateriais) surgiram ao longo do processo de mapeamento cultural, como a Fonte do Castanheiro, por exemplo. Contudo a maior parte dos elementos culturais que nos foram apresentados não eram materiais. Os elementos culturais tradicionais da cultura *Salatina* encontram-se em destaque nos elementos culturais identitários do Vale da Arregaça. Em 1943, foi dado início à expulsão dos salatinas da área a ser demolida na Alta de Coimbra (Duarte, 2013), e com essa expulsão, o Bairro Fonte do Castanheiro viu-se habitado por muitos dos antigos salatinas da alta. Como disse Pollice, “[...] é a própria presença de elementos intangíveis que solicita uma mais aprofundada reflexão sobre a dimensão perceptiva da identidade.” (2010, p.15). Através dessa reflexão e pesquisa, foram descobertos elementos característicos daquela comunidade e de particular interesse para o espetáculo realizado. As Fogueiras de São João, pequenas festas e danças, assim como os encontros noturnos na antiga Fonte do Castanheiro foram todos elementos tradicionais mencionados em conversas com os moradores e em entrevistas (Entrevista N^o2). Estes elementos culturais são tradições salatinas, existentes na antiga Alta de Coimbra que, com o realojar dos salatinas, foram enquadradas noutros pontos da cidade de Coimbra. Pequenas histórias como a origem do nome do Vale da Arregaça foram também instrumentais para a dramaturgia do espetáculo. Foi-nos dito (durante a Entrevista N^o2) que a razão pela qual o Vale se denomina Vale da Arregaça é porque, antigamente, quando as mulheres do Vale iam ao Rio Mondego buscar água arregaçavam as suas saias para não as molharem. Estes testemunhos foram indispensáveis para a criação de uma narrativa baseada na identidade cultural do Vale da Arregaça e da sua singularidade em relação à cidade de Coimbra.

O conhecimento e expressão destes vários elementos culturais permitiu ao projeto *De Portas Abertas* funcionar como um agente reconfigurativo de tradições

mantidas apenas em memórias nostálgicas. Contudo, “Nessa (re)construção das identidades está envolvido um processo dinâmico de constante confronto do velho com o novo.” (Fortuna, 1997, p.2). Neste caso, no Vale da Arregaça, os elementos culturais identitários não se alteraram muito ao longo do tempo, apenas foram sendo esquecidos pelos moradores mais jovens. A Fonte do Castanheiro, outrora um ponto de encontro para os moradores de todo o Vale, encontra-se hoje em ruínas, num espaço inundado e pouco seguro. As Fogueiras de São João, que, segundo a Entrevista Nº1, ainda se realizam em Celas, já não se realizam na Arregaça há vários anos (segundo testemunhos de vários moradores mais idosos). Aqui se insere o conceito de “reconfiguração”, a identidade cultural do Vale da Arregaça, tal como muitos dos seus espaços físicos, encontra-se em ruínas que podem ainda vir a ser reaproveitadas.

De todas as visitas que fizemos ao Vale, os elementos de destaque para o espaço foram sempre evidentes. Os espaços da Fábrica, da Fonte do Castanheiro, do Grupo Desportivo da Arregaça, as várias Quintas, as casas do Bairro Social, as várias personalidades com quem fomos falando ao longo do mapeamento cultural do projeto e as histórias contadas pelos residentes tornaram-se marcos evidentes para a perceção da identidade local do Vale, comprovando a citação seguinte, “A facilidade em identificar os traços da identidade local estende-se ao domínio dos símbolos que sobressaem em cada cidade, quer estejamos a referir-nos a monumentos, a instituições ou a pessoa” (Fortuna e Peixoto, 2000, p.15). Ao aprendermos sobre a vivência passada dos moradores do Vale e as formas como alguns ainda mantêm práticas sociais e culturais passadas no seu dia-a-dia permitiu-nos ver a tradição daquele espaço numa nova luz. A reprodução cultural é, por um lado, mantida atual, renovada, mas por outro lado é algo nostálgico, reconfortante de proximidade do passado social (Fortuna, 2012).

A perda de atenção prestada aos elementos culturais da Arregaça por parte dos poderes municipais é particularmente tocante pois:

A defesa e a conservação dos bens culturais, hoje reconhecidas como uma incumbência fundamental do Estado, apoiam-se na sua ampla conjuntura política, social, económica, cultural e ecológica, sobretudo desde a campanha do Ano Europeu do Património Arquitectónico, em 1975, a que Portugal aderiu. (Jorge, 2000, p.5)

Foi notório nas interações com muitos dos residentes a frustração sentida relativamente aos elementos políticos da cidade. Muitos dos moradores sentem que o Vale da Arregaça é um espaço esquecido da cidade de Coimbra. Segundo testemunhos das entrevistas, este facto torna-se evidente pela falta de manutenção da vegetação nos espaços públicos do Vale e pela falta de comunicação com membros mais ativos daquela comunidade (Entrevista N^o2). Esta falta de cumprimento de responsabilidade (mencionada na citação acima apresentada) mostra-se principalmente na falta de atenção dada aos espaços físicos do Vale. Muitas das casas pertencentes ao Bairro Social encontram-se desabitadas e em ruínas por falta de manutenção estatal. A Fonte do Castanheiro, monumento de tanta importância para a identidade local da Arregaça, é outro exemplo de falta de atenção prestada aos espaços públicos do Vale. Este incumprimento de manutenção prova ser um obstáculo severo à valorização cultural identitária do Vale da Arregaça. Muitos dos moradores mais recentes do Vale demonstraram desconhecer o próprio espaço onde vivem, o que reforça a ideia de desapego e falta de identificação com as tradições e história do lugar. Como disse Martins, “[...] o património cultural, longe de se submeter a uma visão estática e imutável, tem de ser considerado como um «conjunto de recursos herdados do passado», testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contato permanente.” (2020, p.3). É por isso necessário que se compreenda que os elementos históricos e culturais do Vale da Arregaça não se perderam com o tempo. Encontram-se apenas adormecidos, lembrados nostalgicamente por quem outrora com eles interagiu. Testemunhos nostálgicos que, ao serem inseridos numa narrativa contemporânea (como foi o caso do espetáculo teatral apresentado pelo Teatrão) ganham nova vida e motivam os espetadores a informarem-se melhor sobre o espaço da Arregaça e a sua comunidade.

5.3.3. Mapeamento Cultural

O mapeamento cultural pode ser definido como o processo de partilhar e compreender a cultura, como uma forma de repensar a história e de promover a criatividade e o desenvolvimento (Stewart, 2007, p.3). Mais do que uma

metodologia, o mapeamento cultural é um processo que envolve tanto a recolha como a apresentação dos dados (Cabeça, 2018). Através do uso do mapeamento cultural torna-se possível criar condições para o desenvolvimento de atividade artística e cultural relacionada com os espaços e as comunidades locais. Este foi o caso do projeto *De Portas Abertas*, contribuindo para a reconstrução da identidade cultural da comunidade e do espaço do Vale da Arregaça. A metodologia de mapeamento cultural foi a ferramenta ideal para o estudo do Vale da Arregaça e da sua população, requerido para o projeto *De Portas Abertas*. Permitiu-nos explorar os três tipos de recursos culturais presentes no Vale da Arregaça e envolvidos com a comunidade do Vale, nomeadamente: recursos culturais construídos, recursos culturais materiais e recursos culturais imateriais (Throsby, 2010).

Segundo Throsby (2010), os recursos culturais construídos resumem-se a todos os recursos culturais que possuem um valor arquitetónico relevante, nomeadamente edifícios ou monumentos com valor histórico. Os recursos culturais materiais são definidos por todo o tipo de objetos físicos que se relacionam com a identidade cultural de uma determinada comunidade, por exemplo, artefatos, livros, cartas ou instrumentos. Finalmente, os recursos culturais imateriais são as histórias, memórias e práticas culturais herdadas que as pessoas transmitem como um legado a gerações futuras. Exemplos de recursos culturais imateriais são festas, danças ou o próprio idioma. Esta categorização permite-nos avaliar o valor de cada elemento cultural presente no Vale da Arregaça e as formas como esses elementos podem não só contribuir para a produção do espetáculo, mas também de que forma a visibilização desses elementos culturais pode ser útil para promover o envolvimento das comunidades locais no projeto *De Portas Abertas*. O envolvimento da comunidade no projeto é particularmente importante, pois, como já referi neste relatório, o valor cultural atribuído a elementos culturais (como a Fonte do Castanheiro) é-lhes atribuído pelos próprios moradores. Quer isto dizer que a definição da identidade cultural de sítios e objetos é atribuída aos mesmos pelas pessoas e pelas memórias que as pessoas associam aos elementos culturais (Cabeça, 2018).

O processo de mapeamento cultural do projeto *De Portas Abertas* foi uma ferramenta importante por dois motivos distintos. Primeiramente, serviu como uma

“[...] abordagem sistemática para identificar, registar e classificar os recursos culturais, materiais e imateriais, de uma comunidade.” (O Teatrão, 2020), tendo servido como uma “[...] poderosa ferramenta de planeamento, aumentando a consciência e o acesso aos recursos existentes.” (O Teatrão, 2020). Para além disso, serviu também como “[...] uma estratégia de envolvimento dos residentes e agentes locais no sentido de participarem na definição do projeto a desenvolver.” (O Teatrão, 2020). A importância da recolha de informação durante o processo de mapeamento é evidente. Contudo, o envolvimento da comunidade do Vale da Arregaça no projeto foi absolutamente essencial para o seu sucesso. Através do estabelecimento de uma boa relação com os moradores do Vale, conseguimos ouvir histórias mais pessoais da vida no Vale por parte de vários moradores e perceber a importância para os residentes de vários elementos culturais presentes no Vale. A partir do sucesso geral das atividades durante a fase de mapeamento cultural, foi possível salvaguardar a confiança investida no projeto por parte da comunidade do Vale da Arregaça. O espetáculo “Onde Fica a Arregaça?” sofreu, portanto, influências deste mapeamento, apresentando-se do meu ponto de vista como uma representação fiel ao Vale da Arregaça e à sua população.

5.4. Relação Temática com o Projeto

A relação do tema com o projeto *De Portas Abertas* é evidenciada pelos objetivos do projeto e pelas consequências que a apresentação do espetáculo teatral teve. O Vale da Arregaça era considerado “[...] um ‘espaço invisível’ em Coimbra, que mostra as várias cicatrizes de crescimento da cidade e um modo de viver diferente” (Agência Lusa, 2020). Este Vale tem vindo a ser valorizado pelo projeto *De Portas Abertas*. Este projeto pretende ligar-se às comunidades do Vale da Arregaça, através de um processo de criação de carácter comunitário. Pela criação artística pretendeu-se minimizar o “[...] sentimento geral de que este é um sítio esquecido [...]” (L.s./Lusa, 2021), dando voz aos moradores que durante tanto tempo se sentiram ignorados.

Existe uma conexão direta entre o tema que escolhi para tratar neste relatório e o projeto *De Portas Abertas*. Ao mesmo tempo que o Vale da Arregaça e a sua comunidade foram o centro das atenções, também foram realçados os elementos identitários culturais únicos ao Vale e aos seus moradores. Elementos como as Fogueiras de São João, as relações entre as pessoas, as convivências noturnas na Fonte do Castanheiro, tudo isso foi inspiração para o espetáculo apresentado. Podemos dizer que este processo de criação artística, contribuiu para o rejuvenescimento da identidade cultural do Vale da Arregaça.

A identidade cultural da Arregaça estava há muito adormecida porque, com a tarefa de manter as tradições e de as pôr em prática a passar para a malta mais jovem que, “[...] não liga tanto aos cotas.” (Entrevista N°2), a manutenção da tradição do Vale tem vindo a perder-se. O projeto *De Portas Abertas* foi importante, pois, demonstrou aos moradores que, talvez desconhecessem elementos tradicionais do espaço onde vivem, que a identidade do Vale não se resume a pouco. Há muitos elementos individuais que atribuem peculiaridades identitárias ao Vale que só são transmissíveis através de histórias passadas de moradores mais velhos. Esses mesmos elementos constituem uma forma única de viver que durante tanto tempo caracterizou a Arregaça. São estes elementos que podem mostrar ao resto da cidade de Coimbra que aquele espaço de facto existe e que o Vale da Arregaça não é só um pequeno Vale no centro urbano de uma cidade maioritariamente universitária (Entrevista N°1). É, ao contrário, um ambiente distinto, rural, com cultura própria que descende dos valores tradicionais dos salatinas. Trata-se de um espaço cultural rico, com uma forte imagem cultural identitária que, com a ajuda do projeto *De Portas Abertas*, se revelou ao resto de Coimbra.

6. Metodologias

Neste capítulo irei apresentar as metodologias por mim utilizadas ao longo do projeto. Todas as metodologias aplicadas foram decididas em conjunto pela equipa do projeto. Em reunião foi construído um cronograma de atividades que pretendia organizar as várias metodologias e etapas de aplicação das mesmas. É relevante notar que, com a pandemia Covid-19, os prazos tiveram de ser alterados, o que resultou no adiamento da data de realização do espetáculo. A sua apresentação passou de junho de 2020 para o dia 11 de setembro de 2020. O nosso trabalho de campo foi suspenso dia 27 de março de 2020, tendo continuado via teletrabalho até dia 30 de junho de 2020. Todas as atividades foram planeadas contando com as disponibilidades individuais de cada membro participante.

As atividades realizadas foram as seguintes:

- Pesquisa inicial sobre bibliografia e documentação relacionada com o Vale da Arregaça;
- Reconhecimento espacial do Vale, dando especial atenção a marcos históricos e culturais relevantes;
- Desenho, preparação e aplicação de inquéritos aos habitantes do Vale, tendo a turma de Sociologia da Escola Secundária Quinta das Flores participado em dois dias de aplicação;
- Reuniões com as várias organizações sediadas no Vale;
- Aplicação de entrevistas semiestruturadas a elementos chave do Vale;
- Análise estatística dos resultados dos inquéritos e escrita de um relatório final do projeto;
- Análise qualitativa das entrevistas aplicadas;
- Atividades realizadas durante o confinamento (análise e transcrição de entrevistas, análise estatística no SPSS a partir dos dados dos inquéritos, redação de um relatório final do processo de mapeamento cultural e criação de um poster sobre o projeto para apresentar no XI Congresso Português de Sociologia).

Para melhor compreendermos o valor atribuído pelas comunidades aos elementos culturais relevantes do Vale da Arregaça, o uso de diferentes métodos de estudo é essencial. Estes métodos variam entre métodos qualitativos, nomeadamente, a exploração do Vale da Arregaça e a respetiva identificação de monumentos relevantes (como foi feito na visita inicial realizada por mim e pelo Daniel Lavrador). Relativamente a estes métodos e durante as nossas visitas ao espaço, várias fotografias foram tiradas, todas elas disponíveis como anexos no final deste relatório. Este reconhecimento espacial e as respetivas fotografias tiradas permitiram-nos atribuir imagens físicas aos vários testemunhos orais dos moradores que fomos captando ao longo do processo de aplicação de inquéritos e, mais tarde, das entrevistas realizadas. Outro tipo de método utilizado extensivamente neste projeto foram os métodos quantitativos. Os métodos quantitativos referem-se à análise estatística, que com a recolha de informação através da aplicação de inquéritos foi essencial para nós organizarmos informação e tirarmos conclusões a partir dessa informação (tudo isto através do uso da ferramenta de análise SPSS). Estes dados e estas conclusões são apresentados no ponto intitulado “Resultados” deste relatório.

6.1. Atividades Desenvolvidas

O meu papel neste projeto foca-se na fase de mapeamento, ou seja, na fase inicial do projeto *De Portas Abertas*. Inicialmente, como preparação para o início do trabalho de mapeamento, realizaram-se várias conversas entre mim, o meu colega Daniel Lavrador, a nossa orientadora Cláudia Pato Carvalho e a Diretora artística d’O Teatrão Isabel Craveiro. O objetivo foi uma melhor compreensão do funcionamento do Teatrão neste tipo de projetos e que tipo de foco deveríamos tomar na nossa análise para cumprir com os objetivos do projeto.

Inicialmente, fizemos um reconhecimento espacial, através de uma visita ao Vale da Arregaça, não só para ficar a conhecer o local do trabalho de campo, mas também para decidir por onde iniciar as nossas intervenções com os moradores. Fizemos várias recolhas bibliográficas relativas aos pontos de

interesse identificados, mencionados anteriormente na caracterização do espaço e compilamos informações sobre a população local, maioritariamente sobre os salatinas do Bairro Social. Após esta preparação inicial, desenhámos um inquérito por questionário para aplicar aos moradores do Vale da Arregaça. O objetivo deste questionário foi compreender os hábitos de consumo cultural dos habitantes do Vale, assim como perceber quais teriam interesse em participar de forma mais direta no projeto De Portas Abertas, seja através de potenciais entrevistas ou participando diretamente nas peças de teatro organizadas no final do primeiro ano do projeto. Uma das principais notas que nos foi deixada nas conversas iniciais que tivemos com o Teatrão, foi que deveríamos tentar estabelecer desde logo uma relação mais pessoal com os moradores, ou seja, tentar mostrar que nos importamos com o que eles têm a dizer e que este projeto procurava realmente dar-lhes uma voz criativa, tendo como ponto de partida as memórias individuais de cada um. Como tal, sempre procurámos complementar as questões do inquérito com outras questões que pudessem criar uma relação empática com cada morador, a fim de criarmos uma relação próxima e de confiança que permitisse a partilha de histórias e memórias sobre aquela zona da cidade. Toda a informação recolhida com os inquéritos foi colocada numa base de dados SPSS, onde toda a informação foi posteriormente organizada e tratada de forma a constituir uma base de trabalho para a análise social e cultural do Vale e também para a construção do processo artístico do projeto de intervenção em causa.

Foi através desse inquérito e desse primeiro contacto estabelecido que, em parceria com a equipa do Teatrão, se identificaram moradores e organizações/associações/instituições chave com quem deveríamos estabelecer um contacto mais personalizado e aprofundado. Foram então realizadas várias entrevistas abertas com moradores e associações que, de uma forma ou de outra, poderiam expandir o nosso conhecimento sobre o espaço, ou que poderiam ser novamente contactados para colaborarem de várias maneiras na realização deste projeto.

No final desta fase de mapeamento do projeto, toda a informação recolhida serviu não só para a compreensão do espaço e do público-alvo, mas também para a construção da dramaturgia para o espetáculo e do processo de criação como um todo.

6.2. Levantamento Documental

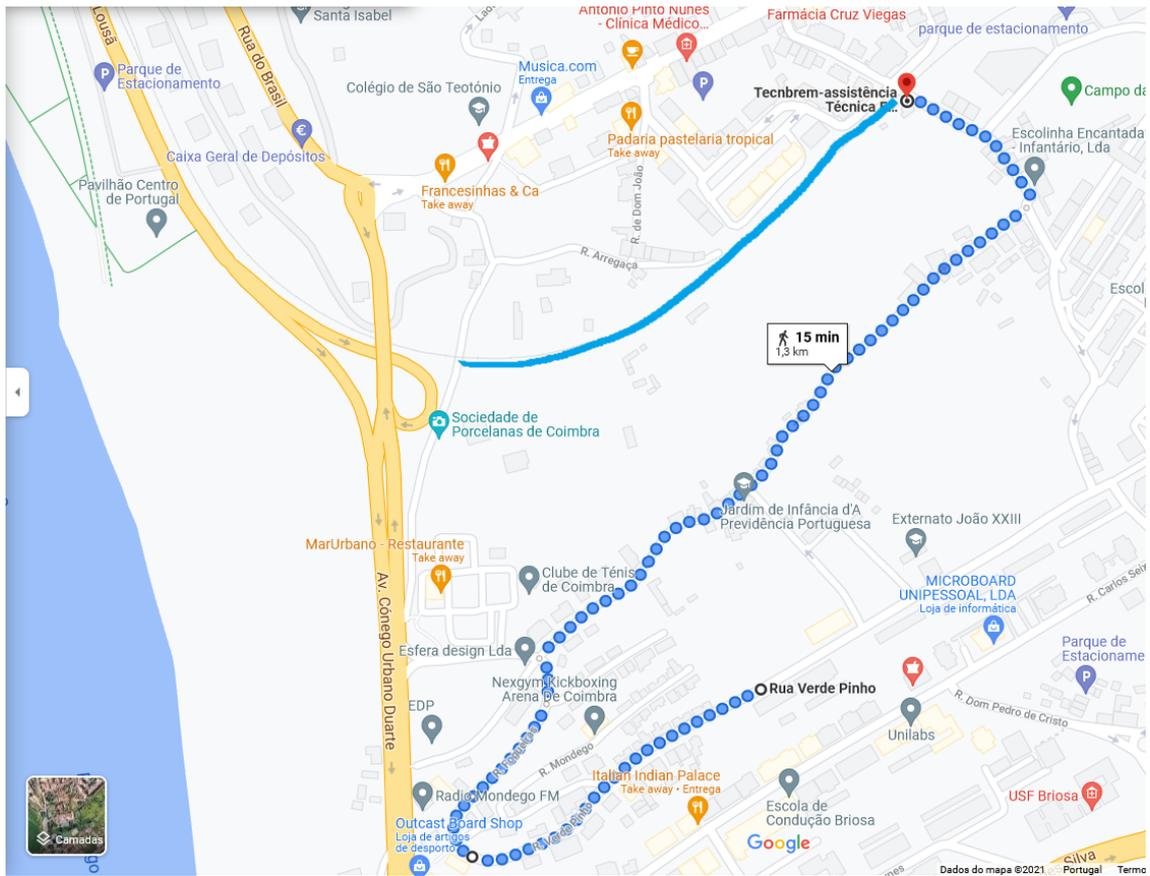
A primeira tarefa acordada em reunião foi a pesquisa bibliográfica de tudo o que estivesse relacionado com o Vale da Arregaça. As pesquisas dividiram-se entre a Biblioteca Municipal de Coimbra e a Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Centramo-nos em pesquisas na Imagoteca, artigos em jornais e periódicos locais e em livros e documentação histórica, preservada no arquivo histórico da Biblioteca Municipal. O objetivo foi identificar monumentos de relevância para o projeto e potenciais pontos de partida para o reconhecimento físico do Vale da Arregaça.

Nas várias pesquisas que realizamos conseguimos identificar duas instituições de particular relevância. Por um lado, a Fábrica de Porcelanas, ou Sociedade de Porcelanas, local de trabalho de imensos habitantes do Vale que fechou de forma controversa, em 2005, após meses de greves por parte dos trabalhadores, encontrando-se ainda hoje completamente abandonada (Lopes, 2005). Por outro lado, o Clube de Futebol União de Coimbra, clube que sempre foi considerado o rival local à Académica, cuja sede se encontra no Vale da Arregaça (Vaz, 2018). Estas duas instituições provaram ser fundamentais para a construção de uma narrativa em torno do Vale, pois ambas estão enraizadas na história do local.

Para além da Fábrica de Porcelanas e do Clube de Futebol União de Coimbra, foram relevantes também os achados feitos no arquivo histórico, em particular, uma carta de expropriação do século XIX e um livro referente às tradições de Coimbra. A carta de expropriação referia-se à desapropriação de uma das quintas do Vale da Arregaça para que fosse construído o caminho de ferro que, apesar de inativo, ainda hoje marca o Vale (Seabra, 1890). Já o livro de tradições coimbristas apontava para uma importância académica que outrora se dava ao Vale da Arregaça, mas que hoje não existe (Sá, 1942).

6.3. Reconhecimento Espacial

O reconhecimento espacial foi uma atividade planeada em reunião com a coordenadora do projeto para que ficássemos com uma melhor percepção do espaço e dos seus pontos de interesse. Nesta reunião foram partilhados vários mapas do Vale e foi definido o trajeto que eu e o meu colega Daniel iríamos percorrer numa visita inicial. O trajeto, presente no Anexo N°2, iniciou-se na Rua Verde Pinho, seguindo pela Rua das Fogueiras, Rua dos Manjericos, Rua Fonte do Castanheiro, Travessa das Fonsecaas, Rua Sanches da Gama e finalmente a linha de comboio abandonada, Ramal da Lousã. O trajeto permitiu que conseguíssemos atravessar o Vale na sua totalidade, identificando todos os elementos de interesse para o projeto. Começámos pelas ruas que constituem o Bairro Social da Fonte do Castanheiro, espaço maioritariamente residencial, com a exceção do edifício da EDP. A Rua Fonte do Castanheiro atravessa o Vale quase na sua totalidade, e como tal, conseguimos nela identificar a maior parte das instituições com as quais iríamos entrar em contacto posteriormente. Durante a travessia desta rua observamos (por ordem do trajeto): o Edifício Fonte do Castanheiro (área residencial ainda em construção), o Clube de Ténis de Coimbra, a Quinta Fonte do Castanheiro, a Quinta do Junqueiro, o Jardim de Infância d'A Providência Portuguesa e a Quinta da Saudade. Já na Travessa das Fonsecaas observámos a Escolinha Encantada e o Campo da Arregaça (Sede do clube de futebol União de Coimbra). No final do trajeto, ao percorrer a linha férrea do Ramal da Lousã deparámo-nos com a abandonada Fábrica de Porcelanas/Sociedade de Porcelanas. Seguem-se vários anexos de fotografias que tirámos durante a travessia do Vale da Arregaça referentes aos vários locais que mencionei.



Anexo Nº2 - Trajeto percorrido durante o reconhecimento espacial inicial (devido a limitações com o Google Maps, complementei a imagem com a linha azul, que simboliza a travessia feita pela linha férrea abandonada do Ramal da Lousã)



Anexo Nº3 - Edifício Fonte do Castanheiro (ainda em construção)



Anexo Nº4 - Campos do Clube de Ténis de Coimbra



Anexo Nº5 - Portão da Quinta da Fonte do Castanheiro



Anexo Nº6 - Portão da Quinta do Junqueiro



Anexo Nº7 - Portão da Quinta da Saudade



Anexo Nº8 - Campo de Futebol do União 1919



Anexo Nº9 - Abandonada Fábrica de Porcelanas da Arregaça (Exterior)



Anexo Nº10 – Abandonada Fábrica de Porcelanas da Arregaça (Interior)

6.4. Aplicação de Inquéritos

Após o levantamento documental e exploração do espaço do Vale, deu-se o primeiro contacto direto com a população local através da aplicação de um inquérito por questionário, de aplicação direta e individual. Seguindo as instruções da coordenadora do projeto e tomando em conta as necessidades do processo de mapeamento, o inquérito foi desenhado por mim e pelo meu colega de estágio com a intenção de melhor conhecer os hábitos de consumo e prática cultural dos habitantes do Vale, o conhecimento de tradições culturais do local e identificar potenciais participantes diretos no projeto *De Portas Abertas* quem estaria interessado em ter uma participação mais envolvida no projeto. A aplicação dos inquéritos foi feita pelo meu colega Daniel Lavrador, pela Sofia Coelho, estagiária por parte do Teatrão, e por mim próprio.

O processo de aplicação de inquéritos foi o mais duradouro de todo o projeto, tendo durado quase a totalidade do período de estágio. Isto deu-se porque era necessário ter uma amostra representativa dos moradores do Vale para devidamente se compreender as características dos mesmos. Os principais obstáculos que encontrámos nesta fase foram a desconfiança por parte dos moradores, o desinteresse no projeto e a dificuldade em coordenar horários compatíveis com os moradores. A desconfiança provinha de grande parte da população do Vale ser desinformada no que toca à instituição do Teatrão e a projetos desta natureza. O desinteresse no projeto resumiu-se à falta de interesse na oferta teatral de grande parte dos residentes. Já a dificuldade encontrada em falar sequer com muitos dos moradores foi causada maioritariamente pelo facto de muitos dos moradores serem trabalhadores ativos e/ou estudantes, fazendo com que passassem muito tempo fora de casa. Para tentar resolver este problema, tentamos aplicar os inquéritos em horários variados, tendo sido os horários da tarde os mais bem sucedidos e os noturnos os com menos sucesso. Para ajudar com a desconfiança e com o desinteresse, uma das nossas visitas iniciais foi feita na companhia do presidente da Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro, que conhecendo os moradores do Bairro nos conseguiu indicar os que poderiam estar mais interessados e/ou abertos a falar. Isto teve a vantagem acrescida de após uma visita inicial, os moradores com

quem falámos espalharam a palavra com moradores com quem não conseguimos falar, fazendo com que estes tivessem posteriormente mais abertos a falar conosco.

Esta experiência foi única pois permitiu-nos ouvir os moradores a falar das suas vivências e nostalgias relativamente ao Vale da Arregaça, das suas festividades e das suas tradições. Por outro lado, muitos também se mostraram descontentes com o estado atual das coisas. Nomeadamente com o aparente desprezo dado ao Vale pelo resto da cidade de Coimbra, com o abandono dos habitantes mais idosos e com a perda de tradições locais, acentuada pela população temporária de estudantes que não demonstra interesse pelo local onde vive.

Após várias semanas de aplicação de inquéritos, a coordenadora do projeto entrou em contacto com a turma de Sociologia da Escola Secundária Quinta das Flores. Este contacto foi estabelecido com o intuito de que a turma participasse no projeto aplicando inquéritos. Esta participação teria dois objetivos: a turma iria ajudar na fase de mapeamento, realizando um maior número de inquéritos devido ao maior número de mãos ao trabalho; a turma iria aprender conceitos, técnicas e práticas úteis para a sociologia, tal como veriam um lado mais prático da sociologia e a forma como esta pode ser útil para a sociedade. Das aulas em que participamos, duas foram realizadas na sala de aula e foram mais teóricas, enquanto que as outras duas foram mais práticas e foram dadas no terreno.

A primeira aula, que decorreu no dia 20 de novembro de 2019, serviu como apresentação do nosso trabalho à turma e como tal ocorreu na sala de aula. O projeto foi apresentado pela coordenadora do projeto e de seguida eu e o meu colega, Daniel Lavrador, apresentámos o inquérito, explicando a sua estrutura e a forma como deveria ser aplicado. A segunda aula deu-se no dia 11 de dezembro de 2019 e esta já ocorreu no Vale da Arregaça. Esta visita contou, para além dos membros do projeto, da professora e da sua turma, com a presença da Dra. Teresa Pechincha, representante da Câmara Municipal de Coimbra, que teve o papel de observadora, com o intuito de avaliar a atividade e o projeto. Sendo que esta era a primeira visita da turma ao Vale da Arregaça, numa fase inicial percorremos o Vale, apontando os pontos de maior interesse, dando a conhecer

a área de estudo e os sítios onde os alunos iriam aplicar os inquéritos. Com o percurso finalizado, a turma foi dividida em dois grupos, um sob a supervisão do Daniel Lavrador e da Sofia Coelho, que aplicaria inquéritos no edifício União (área residencial de grande dimensão junto ao campo de futebol da Arregaça). O outro grupo, comigo e com a Dra. Cláudia Carvalho a supervisionar, atravessaria a linha férrea até chegar à Quinta da Estrela (bloco de apartamentos junto ao Bairro Social, na rua Fonte do Castanheiro) e aplicaria os inquéritos aí. A Quinta da Estrela divide-se em quatro edifícios separados e como tal exigiu a divisão de grupos. Os alunos foram divididos em grupos de três a quatro elementos e cada grupo ficaria encarregue de um andar, sendo que cada edifício seria percorrido na sua totalidade antes de passar para o próximo. Quando um grupo tivesse finalizado o seu respetivo andar ficaria a aguardar frente ao edifício pelos restantes grupos. Antes de iniciar o processo, eu e a Dra. Cláudia reforçámos a forma como os inquéritos deveriam ser aplicados para que fosse tudo feito de forma correta e eficaz. Inicialmente eu acompanharia um grupo para que eles vissem na prática como o inquérito seria aplicado e que linguagem deveriam utilizar. Depois disso seriam os alunos a aplicar o inquérito, e depois de ver que estavam preparados para continuar a aplicação a sós eu mudava de andar para acompanhar outros grupos, assegurando que tudo corria bem e que todas as dúvidas seriam esclarecidas. Devido à quantidade de moradores por cada edifício, apenas dois dos quatro edifícios na Quinta da Estrela fizeram parte da atividade neste dia. No final da atividade houve um reencontro dos dois grupos onde se perguntou à turma o que tinham achado da atividade. De uma forma geral a atividade foi vista numa luz positiva, tendo muitos dos alunos demonstrado interesse em aplicar inquéritos novamente. Apesar desse entusiasmo, contudo, muitos ficaram desapontados com a falta de inquéritos aplicados, consequência, talvez, do horário de aplicação (hora de almoço) que tenha deixado os moradores menos recetivos à atividade (quando estavam em casa). As próximas três aulas, que decorreram nos dias 13 e 27 de janeiro e 5 de fevereiro de 2020 respetivamente, resumiram-se à aplicação de inquéritos aos moradores em falta nos prédios da Quinta da Estrela. Novamente a turma foi dividida em grupos de forma a percorrer os andares de forma mais eficaz. No último dia de aplicação de inquéritos, no final do exercício, uma moradora de um dos edifícios convidou-nos a visitar o terraço do prédio onde vivia. Através desta visita conseguimos, com os

alunos, ver o Vale na sua totalidade e identificar os marcos por onde passámos com eles na primeira visita. Ainda neste terraço tivemos uma conversa sobre a experiência de campo no seu todo. O último encontro com os alunos, dia 17 de fevereiro de 2020, deu-se na sala de aula. Nesta aula eu e o Daniel apresentámos aos alunos os frutos da aplicação de inquéritos na sua totalidade. Através do uso do programa SPSS, um programa que serve para a análise estatística de dados, organizamos e estudamos as respostas dos inquiridos. Explicamos então como se utilizava o programa, como se inseriram os dados e como se tiraram conclusões a partir desses dados. De seguida a turma participou num exercício “carrossel”. A turma seria dividida em sete grupos onde cada grupo tinha uma folha. Nessa folha estaria uma pergunta sobre a aplicação do inquérito e/ou sobre as metodologias utilizadas na sociologia. Depois de um determinado período de tempo onde os alunos deixavam a sua resposta no papel, cada folha circulava para o grupo seguinte, dando a oportunidade de resposta a todos os grupos. No final do exercício realizou-se um debate para discutir as respostas e a sua respetiva veracidade.

A aplicação de inquéritos foi uma experiência particularmente gratificante. Permitiu-nos não só recolher e organizar, através do SPSS, toda a informação utilizada nas conclusões, mas também estabelecer contacto direto com potenciais parceiros futuros do projeto, moradores ou alunos da turma de sociologia (da Escola Básica e Secundária quinta das Flores) cujo interesse despertou com a realização das atividades. É sempre extremamente interessante contribuir para a divulgação da prática sociológica junto de alunos do ensino secundário, interessadas na área da sociologia, e com as atividades e diálogos que ocorreram entre a equipa do projeto e a turma de sociologia, penso que foi precisamente isso que fizemos.

6.5. Entrevistas

Com as regulares visitas ao Vale da Arregaça e com a aplicação dos inquéritos, foi-nos possível selecionar instituições e indivíduos para dialogar no futuro. Estes possíveis parceiros foram contactados para conversas com o intuito

de conhecer melhor o Vale, a sua relação com o espaço e a potencialidade de participação no projeto *De Portas Abertas*. Cada conversa com representantes das instituições ou com elementos relevantes para o projeto seguiu o formato de entrevista semiestruturada.

As entrevistas semiestruturadas realizadas com representantes das instituições do Vale tiveram duas fases. Uma fase inicial onde o projeto foi apresentado e se discutiu o interesse de cada instituição em participar no projeto e depois uma segunda reunião onde a coordenadora do projeto discutiu com as instituições a natureza de cada parceria. As reuniões com instituições realizadas aconteceram na seguinte ordem:

- Dia 9 de outubro de 2019, reunião com o, à data, Presidente da Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro. Esta reunião foi essencial, pois representou o contacto inicial com os moradores do Bairro Social (Entrevista N° 7);

- Dia 22 de outubro de 2019, reunião com o, à data, presidente, vice-presidente e tesoureira do Clube de Ténis de Coimbra (Entrevista N°8);

- Dia 30 de outubro de 2019, reunião com dois representantes da Associação Artística e Cultural Salatina (Entrevista N°9);

- Dia 5 de novembro de 2019, com os, à data, presidente e tesoureiro do Clube de Pessoal da EDP (Entrevista N°10);

- Dia 7 de janeiro de 2020, com a, à data, diretora do jardim de infância Escolinha Encantada (Entrevista N°11).

Na sua totalidade, as instituições com as quais falámos mostraram interesse no projeto e vontade em participar do mesmo.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, a escolha de entrevistados foi feita pela equipa envolvida no projeto *De Portas Abertas*. Os elementos participantes nas entrevistas foram eu, o Daniel Lavrador, a Sofia Coelho, a Isabel Craveiro (coordenadora artística do projeto), a Sandra Pinheiro (dramaturga responsável pela escrita do texto para o espetáculo) e o Sérgio Pereira (responsável por filmar e gravar as entrevistas). Todas estas entrevistas foram filmadas e gravadas. Foram realizadas ao todo 9 entrevistas a um total de 15 entrevistados (que serão mantidos anónimos). As entrevistas realizadas são então as que se seguem:

- Dia 16 de novembro de 2019, entrevista realizada a dois antigos trabalhadores da Sociedade de Porcelanas. A entrevista foi realizada no espaço abandonado da fábrica. Nesta entrevista os principais tópicos de discussão foram o encerramento da fábrica, as greves dos trabalhadores da fábrica, o papel dos dois entrevistados nessas greves e o dia-a-dia dos trabalhadores da fábrica. Durante a conversa, os entrevistados partilharam connosco alguma informação que serviu de base para um melhor conhecimento sobre o Vale da Arregaça. Nesta visita exploramos a linha de produção, os escritórios administrativos, a cantina, a creche e as residências para trabalhadores não locais;

- Dia 18 de dezembro de 2019, entrevista realizada a duas moradoras do Bairro Social da Fonte do Castanheiro. Nesta entrevista os tópicos de conversa focaram-se sobre a vivência no Vale e a forma como o espaço evoluiu ao longo do tempo;

- Dia 11 de janeiro de 2020, entrevista realizada a dois membros do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica e ex-trabalhadores da Fábrica de Porcelanas/Sociedade de Porcelanas. A conversa foi sobretudo sobre a vida fabril destes antigos trabalhadores;

- Dia 11 de janeiro de 2020, entrevista realizada a um ex-jogador do União de Coimbra. A entrevista focou-se na ligação ao clube, o papel do clube como rival da Académica e a forma como o clube tem evoluído ao longo do tempo;

- Dia 31 de janeiro de 2020, entrevista realizada a um ex-treinador do União de Coimbra. O objetivo da entrevista foi perceber como foi ser treinador do clube e de que forma isso afetou a sua vida académica e profissional;

- Dia 31 de janeiro de 2020, entrevista realizada a um morador do Vale da Arregaça. A entrevista focou-se na vivência do morador num ambiente rural como o Vale da Arregaça, apesar da urbanização que o rodeia;

- Dia 31 de janeiro de 2020, entrevista realizada a dois membros do Grupo Desportivo da Arregaça. Nesta entrevista tentamos recolher informação sobre a origem do Grupo, a forma como é gerido, as suas atividades e as dificuldades que encontra hoje em dia;

- Dia 31 de janeiro de 2020, entrevista realizada a dois elementos do União 1919 (atual nome do clube de futebol do União). O foco da conversa foi o renascimento do clube após a falência do União de Coimbra e a forma como o clube sobreviveu até hoje.

Após a realização das entrevistas foi feita a sua transcrição e análise. Procurámos filtrar a informação, focando-nos no que consideramos ser relevante para o projeto. No final da análise das entrevistas, toda a informação foi partilhada com a dramaturga do espetáculo para que ela pudesse utilizar essa informação na escrita do texto do espetáculo “Onde fica a Arregaça?”.

6.6. Atividades durante a Pandemia Covid-19

Com o confinamento causado pela Pandemia Covid-19, o Teatrão suspendeu todas as atividades relacionadas com o projeto *De Portas Abertas* a partir do dia 13 de março de 2020. Sendo o nosso trabalho como estagiários essencialmente presencial tentamos focar-nos nas atividades que poderiam ser realizadas por teletrabalho.

Inicialmente participamos em reuniões com elementos do projeto através de plataformas online. Essas reuniões tinham como objetivo definir que tarefas ainda poderiam ser realizadas, apesar do confinamento, com o intuito de avançar com o projeto. Após várias reuniões, ficou acordado que eu e o meu colega Daniel Lavrador iríamos finalizar a análise estatística dos dados presentes nos inquéritos. Com essa análise feita, teríamos de redigir um relatório onde toda essa informação seria exposta. Após várias reuniões entre mim e o Daniel, o relatório foi finalizado no dia 30 de junho de 2020, após ser revisto pela nossa orientadora. O conteúdo do relatório focou-se na apresentação de vários cruzamentos de diversas variáveis e das respetivas conclusões que se podiam tirar desses dados. Foram realizadas também três conversas com o intuito de complementar informação presente nos nossos relatórios. Estas conversas foram feitas com a coordenadora artística do projeto *De Portas Abertas*, Isabel Craveiro, com a dramaturga, Sandra Pinheiro e com o Vereador da Habitação Social da Câmara Municipal de Coimbra. Outra atividade que realizamos depois da finalização do nosso estágio foi a elaboração de um poster sobre o projeto *De Portas Abertas* para o Congresso Português de Sociologia, evento que decorreu entre 29 e 31 de março de 2021. Este poster serviu como uma introdução ao projeto e como uma forma de, resumidamente, apresentarmos o nosso trabalho analítico dos dados com que trabalhamos. O poster foi realizado por mim e pelo meu colega Daniel e

supervisionado pela nossa orientadora. O poster foi submetido no dia 22 de março de 2021 e esteve em exibição na sala virtual do Congresso durante os três dias de duração do evento.

Apesar das atividades que conseguimos realizar, houve algumas nas quais não conseguimos participar. Nomeadamente, ficou totalmente condicionada a participação nos ensaios para o espetáculo. Esta atividade estava planeada desde o início e tinha como objetivo proporcionar-nos contacto com o processo de criação do espetáculo de rua. Independentemente dos vários obstáculos que foram surgindo ao longo do processo, o projeto *De Portas Abertas* atingiu o seu objetivo de realizar um espetáculo que desse luz ao Vale da Arregaça, aos seus moradores e às suas tradições. Em paralelo, eu e o meu colega Daniel Lavrador conseguimos realizar todas as tarefas que eram necessárias para a concretização do nosso trabalho como estagiários de Sociologia enquadrados neste projeto artístico de intervenção comunitária.

7. Resultados

O objetivo do nosso trabalho durante a fase de mapeamento foi preparar os resultados quantitativos e qualitativos dos inquéritos e das entrevistas de forma a que essa informação fosse útil para a construção da narrativa do espetáculo. Para tal, preparamos vários cruzamentos de variáveis que consideramos particularmente relevantes e organizamos toda essa informação no formato de um relatório que foi partilhado com a equipa do projeto *De Portas Abertas*.

7.1. Relatório final do mapeamento

Este relatório foi elaborado seguindo a análise estatística retirada dos 219 inquéritos aplicados à população do Vale da Arregaça, 78 a moradores do sexo masculino e 141 a moradores do sexo feminino. As conclusões nele presentes serviram para melhor identificar o perfil da população do Vale da Arregaça, os seus hábitos culturais e o seu conhecimento sobre as tradições e os monumentos

locais. Neste tópico irei apresentar vários gráficos, elaborados para a redação do relatório final.

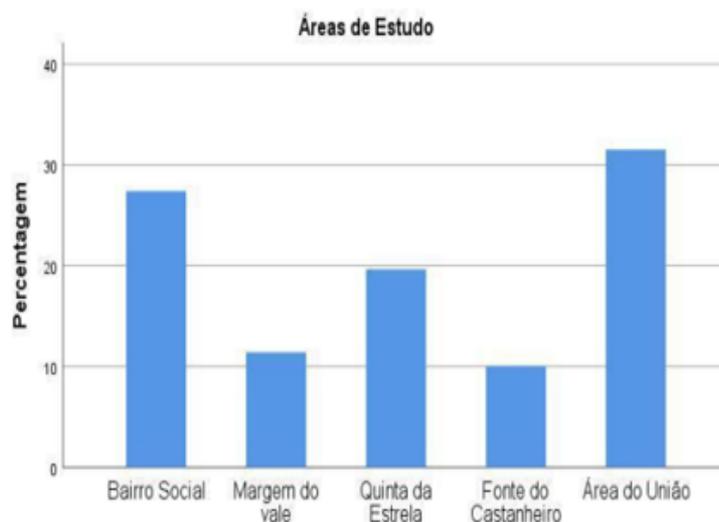


Gráfico N°1: Distribuição dos inquéritos aplicados por Áreas de Estudo

Começo pela distribuição geográfica dos inquéritos no Vale da Arregaça. Esta categorização de várias áreas foi feita de modo a facilitar a análise de zonas específicas dentro do Vale (o Anexo N°1 – Mapa do Vale da Arregaça, mostra uma representação do Vale onde estas Áreas de Estudo estão desenhadas). Através do Gráfico N°1 podemos ver que a Área do União foi onde a maior percentagem de inquéritos foi aplicada (32%). A área relativa ao Bairro Social corresponde a 27% dos inquéritos aplicados. A área da Quinta da Estrela corresponde a cerca de 19%. A área referente à Margem do Vale corresponde a 12%. E, por último, a área de estudo referente à Fonte do Castanheiro corresponde a 10% dos inquéritos aplicados. Com estes dados podemos concluir que a área de estudo onde o maior número de inquéritos foi aplicada foi a área do União. Em contraste, a área onde o menor número de inquéritos foi aplicado foi a área da Fonte do Castanheiro.

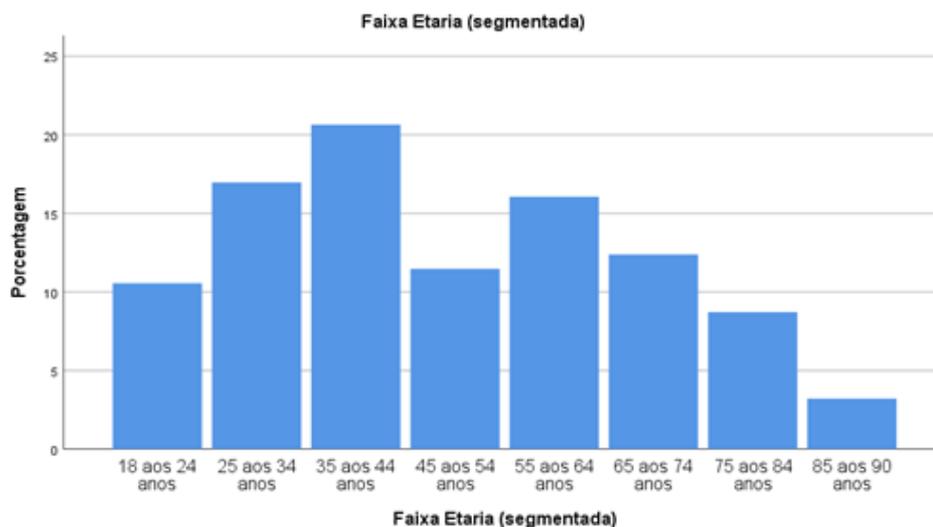


Gráfico N°2: Faixas Etárias (segmentadas) dos moradores do Vale da Arregaça

Através do Gráfico N°2 podemos ver a divisão em faixas etárias (segmentadas) dos inquiridos. Escolhemos segmentar as faixas etárias para haver uma maior especificidade nos intervalos de idades apresentados. Por ordem decrescente, a faixa dos 35 aos 44 anos é onde se insere o maior número de inquiridos, com 21% da amostra. De seguida, a faixa dos 25 aos 34 com 17%, a faixa dos 55 aos 64 com 16%, a faixa dos 65 aos 74 com 13%, a faixa dos 45 aos 54 com 12%, a faixa dos 18 aos 24 com 11%, a faixa dos 75 aos 84 com 7% e, finalmente, a faixa dos 85 aos 90 anos de idade com 3%. Com estes dados podemos concluir que a maioria da amostra se insere na condição de adultos (36-60 anos de idade).



Gráfico N°3: O tempo de vivência no Vale da Arregaça

No Gráfico N°3 podemos ver as percentagens relativas ao tempo de vivência no Vale da Arregaça por parte dos inquiridos. A maioria absoluta (52% da amostra) respondeu que vive no Vale da Arregaça há mais de 10 anos. O segundo grupo com mais inquiridos, grupo que respondeu que vive no Vale algures entre 1 e 5 anos, corresponde a 22% da amostra. Os inquiridos que vivem no vale entre 6 a 10 anos correspondem a 12% e os que vivem há menos de 1 ano equivalem a 10% da amostra. Os restantes 4% da amostra correspondem a inquiridos que não quiseram responder ou que não sabem exatamente há quanto tempo vivem no Vale. Com esta informação podemos concluir que a maior parte dos inquiridos vivem no Vale há mais de 10 anos, sendo que a menor parte dos inquiridos vive no Vale há menos de 1 ano. Estes dados levam-nos a crer que existe uma tendência para assumir que a maioria população do Vale são caracterizados pela sua antiguidade na convivência diária com o Vale.

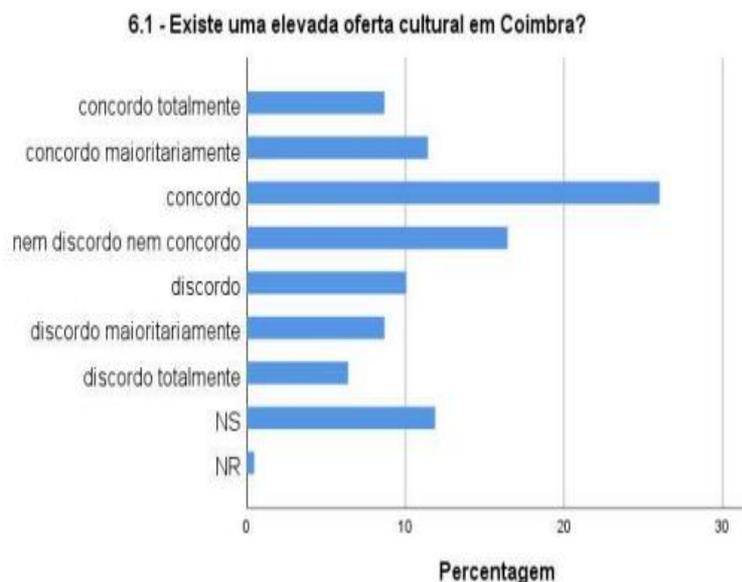


Gráfico Nº4: Opinião dos inquiridos relativamente à oferta cultural em Coimbra

Na questão relativa à oferta cultural em Coimbra, apresentada no Gráfico Nº4, houve uma grande variedade de respostas. A resposta dada mais frequentemente foi “concordo”, com 26% da amostra a concordar com a afirmação. Por ordem decrescente, segue-se a resposta “nem discordo nem concordo” com 16%, “Não Sabe” com 12%, “concordo maioritariamente” com 11%, “discordo” com 10%, “concordo totalmente” com 9%, “discordo maioritariamente” com 9%, “discordo totalmente” com 6% e “Não Responde” com 1%. Por este gráfico podemos ver que existe uma grande divergência de respostas na amostra de inquiridos. Apesar de a maioria das respostas ter sido “concordo”, existe também um grande número de inquiridos que se mantêm neutros, respondendo “nem discordo nem concordo” ou simplesmente “Não Sabe”. Estes dados revelam algum desapego e alienação relativos à oferta cultural da cidade de Coimbra que pode ser justificado pelo facto desta população não ser participante regular em atividades culturais fora do Vale.

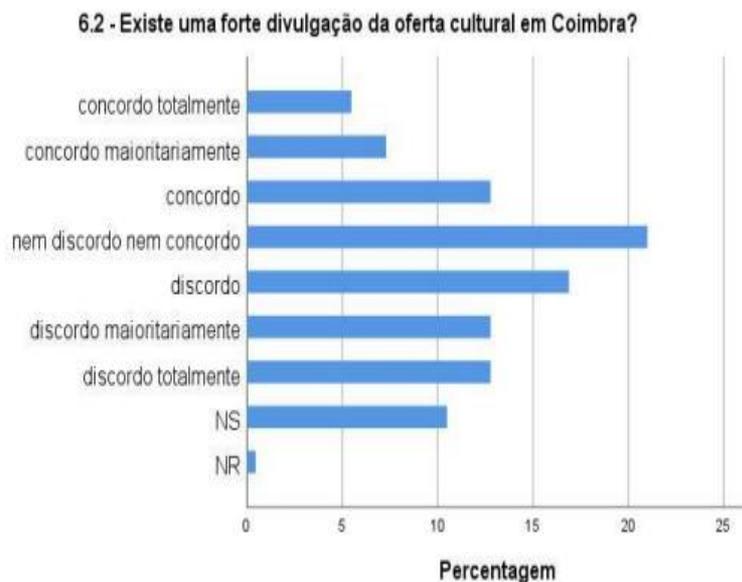


Gráfico Nº5: Opinião dos inquiridos relativamente à divulgação da oferta cultural em Coimbra

A informação presente no Gráfico Nº5 vem ajudar a compreender as respostas dadas à questão presente no Gráfico Nº4. De acordo com o Gráfico Nº5, a resposta mais comum foi “nem discordo nem concordo”, obtendo cerca de 21% da amostra. A segunda resposta mais comum foi “discordo” com 16% seguindo-se por “concordo maioritariamente”, “discordo maioritariamente” e “discordo totalmente”, cada uma delas com 13%. A respostas “ Não Sabe” segue-se com 11% de respostas, “concordo maioritariamente” com 7%, “concordo totalmente” com 6% e, finalmente, “Não Responde” com menos de 1%. Os dados presentes neste gráfico vêm ilustrar que a maior parte das pessoas são indiferentes à divulgação de oferta cultural em Coimbra. Há, contudo, uma mais forte presença de respostas negativas quanto à divulgação de oferta cultural do que positivas. Este dado pode querer dizer que os meios de divulgação das atividades culturais não chegam a estes habitantes do Vale e que talvez seja necessário desenhar novas estratégias de divulgação e de envolvimento destes habitantes em atividades culturais.

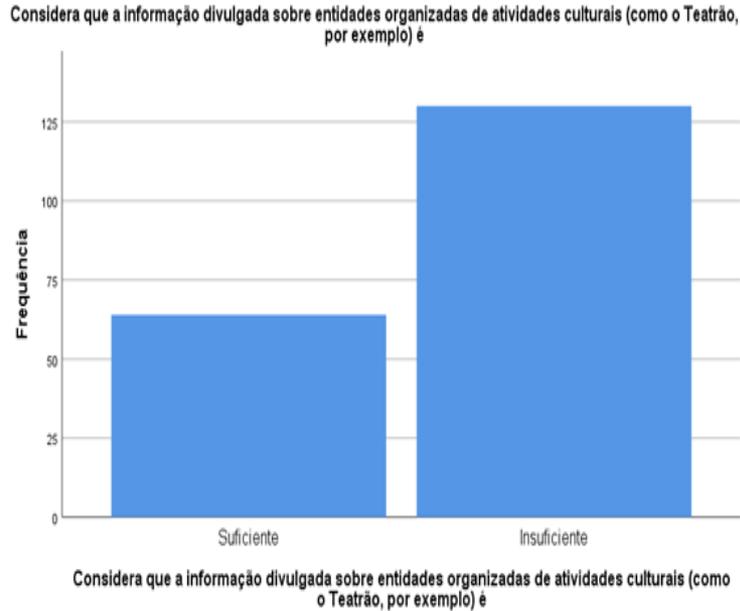


Gráfico N°6: Opinião dos inquiridos relativamente à divulgação das entidades organizadoras de atividades culturais em Coimbra

De acordo com o Gráfico N°6, a maior parte dos inquiridos (129 inquiridos) considera que a informação divulgada sobre entidades organizadoras de atividades culturais é insuficiente. Apenas 64 inquiridos consideram a informação divulgada suficiente. Estes dados combinados com os dados apresentados pelo Gráfico N°5 demonstram que, apesar da indiferença de uma grande parte da amostra relativamente à oferta cultural em Coimbra, a divulgação destas atividades pelas entidades que as organizam ainda é insuficiente. Este facto demonstra que as estratégias de divulgação destas atividades não são adequadas aos vários grupos de inquiridos do Vale da Arregaça.

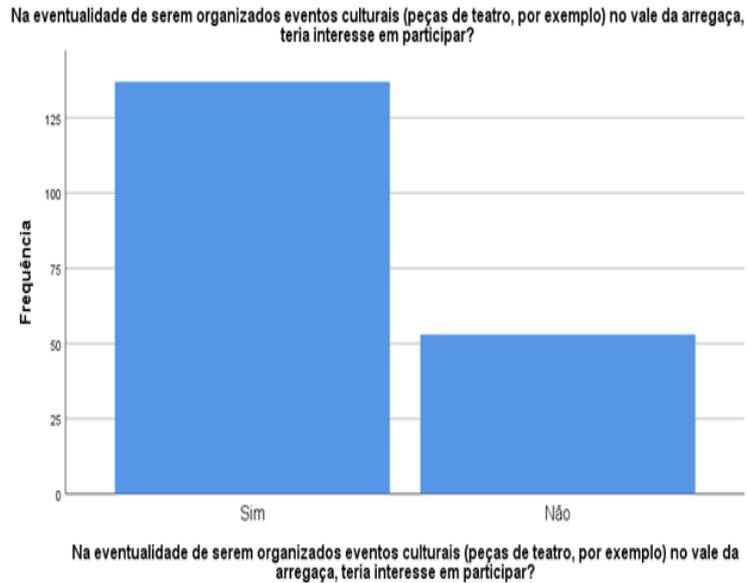


Gráfico N°7: Interesse do inquirido em participar em eventos culturais no Vale da Arregaça

Através do Gráfico N°7 conseguimos também perceber quais dos inquiridos poderiam estar interessados em ter um papel mais ativo em atividades culturais realizadas no Vale da Arregaça. Num total de 190 respostas, 137 disseram ter interesse em participar em eventos culturais no Vale da Arregaça, enquanto que 53 disseram não ter interesse. Esta informação leva-nos a supor que na eventualidade de haver uma melhor divulgação de eventos culturais, uma grande maioria dos inquiridos teriam interesse em participar nestas atividades.

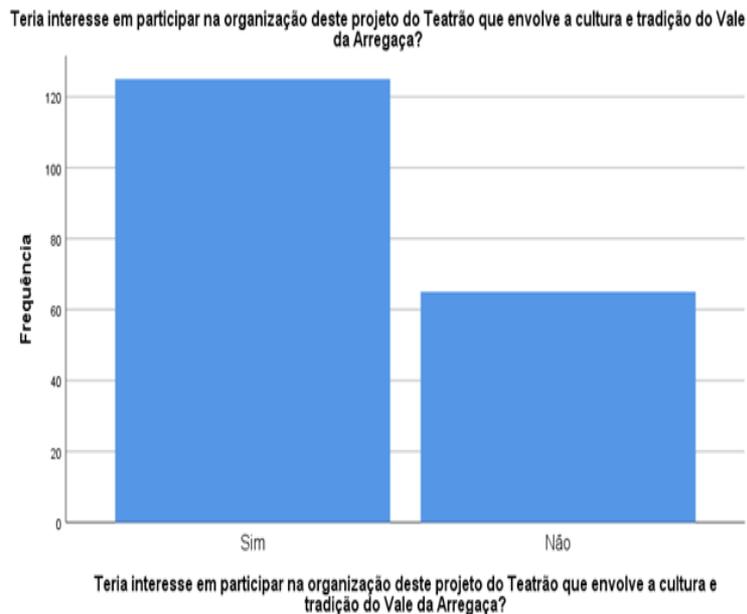


Gráfico Nº8: Interesse do inquirido em participar no projeto *De Portas Abertas*

Com o Gráfico Nº8 podemos ver que a maioria dos inquiridos demonstrou interesse em participar mais ativamente no projeto *De Portas Abertas*. Dos inquiridos que responderam, 125 responderam “Sim” e 65 responderam “Não”. Com estes dados conseguimos ter uma noção mais clara da receção que o projeto tem por parte dos moradores do Vale da Arregaça e de quantas pessoas teriam interesse em ser membros mais ativos do projeto.

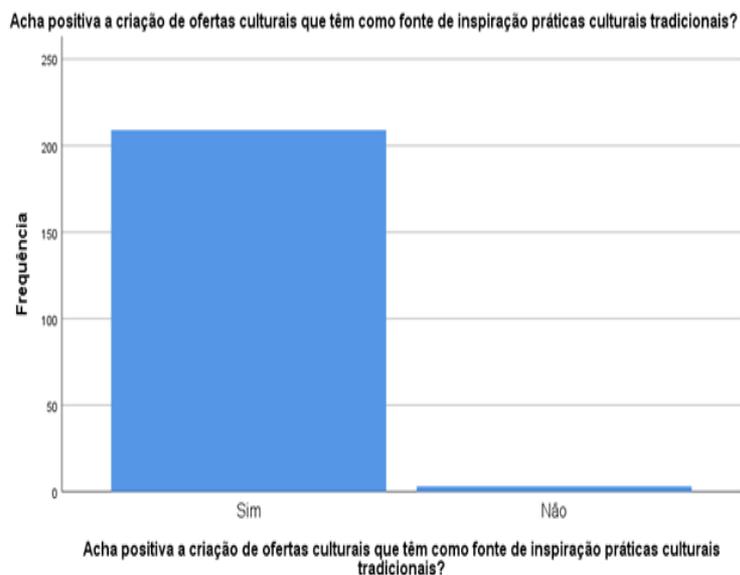


Gráfico N°9: Opinião do inquirido sobre a criação de oferta cultural baseada em tradições

A questão relativa ao Gráfico N°9 permitiu-nos prever a perceção dos moradores relativamente ao projeto *De Portas Abertas*, e a outros projetos de natureza semelhante. Nesta questão, 212 inquiridos opinaram, sendo que 209 responderam positivamente tendo apenas 3 respondido negativamente. A principal justificação para a opinião negativa foi a falta de criatividade envolvida em reciclar tradições já existentes.

Ao longo da análise realizada, podemos melhor compreender o capital cultural da população do Vale da Arregaça, assim como o tipo de população com quem estamos a trabalhar. À medida que a análise foi avançando, fomos percebendo que o Vale da Arregaça não é uma zona homogénea e envelhecida como inicialmente pensávamos, Trata-se afinal de uma zona heterogénea, rica e diversificada, com muitos lugares de importância histórica e cultural que caracterizam a zona, onde as tradições antigas de alguma forma persistem, não através da prática das mesmas, mas sim através das estórias de vida dos seus habitantes. Os moradores mais recentes do Vale dão também o seu contributo e mostram a sua vontade de participar e contribuir para projetos culturais novos, demonstrando que o Vale está em constante transformação. Podemos dizer que esta análise mostrou que uma zona quase esquecida e abandonada da cidade é rica culturalmente e única no contexto urbano da cidade de Coimbra.

Quanto à aplicação de inquéritos, acho justo dizer que a atividade foi um sucesso, independentemente das adversidades com que nos deparámos. No entanto, interessa também identificar as dificuldades que nos foram sendo apresentadas ao longo deste processo de aproximação aos habitantes e instituições do Vale. Apesar da amostra de 219 inquiridos, muitos dos habitantes não demonstraram interesse em responder aos inquéritos. Por outro lado, houve muitas pessoas com as quais não conseguimos sequer estabelecer contacto. No início do processo era nossa convicção que a aplicação de inquéritos na zona do Bairro Social seria mais difícil, devido à existência de uma população mais envelhecida e de mais baixo nível educacional. No entanto, o que aconteceu foi exatamente o oposto. Com a ajuda da Associação de Moradores do Bairro da Fonte do Castanheiro, o primeiro contacto foi um sucesso, tendo sido aplicados sessenta inquéritos no primeiro dia. Com esta possibilidade de mediação por parte da Associação de Moradores, a população da zona do Bairro mostrou-se aberta ao projeto e disposta a partilhar o seu conhecimento sobre o Bairro e sobre o Vale. Em contraste, a área do campo de futebol do União, onde sessenta e nove inquéritos foram aplicados e onde existe uma maior densidade populacional, provou ser um desafio bem maior. Esta área foi mais problemática devido à natureza da sua população, causando de forma sistemática conflitos de horários. Estes habitantes são na sua maioria estudantes e trabalhadores que se encontram ausentes do seu domicílio na maior parte do dia. Apesar disso, a maior condicionante à aplicação de inquéritos esteve relacionada com a desconfiança destes habitantes do Vale. Em contraste com alguns testemunhos relativos à vivência passada no Vale da Arregaça, os habitantes hoje em dia são mais fechados e isolados uns dos outros. Esta desconfiança, misturada com a falta de interesse por atividades culturais, foi o maior obstáculo para a aplicação de inquéritos.

7.2. Sociabilidades e Mapeamento dos Espaços e Lugares

As conexões estabelecidas sempre foram um elemento importante do projeto *De Portas Abertas*. A conexão com o espaço, com os seus habitantes e com as instituições nele presentes serviriam como um elemento que fortaleceu o

Largo do Mondego, a Rua 13 de Maio, a Rua dos Manjericos, a Rua das Fogueiras e parte da Rua Fonte do Castanheiro. Nesta área está presente também o edifício da EDP (no mapa presente no Anexo N^o1, o edifício da EDP está na área da Margem do Vale). Esta é uma área principalmente residencial, com algumas exceções. Estas exceções incluem a EDP, o café/pastelaria Pétala Requite (localizado em frente à EDP, na área da Margem do Vale), o café/pastelaria Tchandjae e o Mini Mercado Verde Pinho (localizados lado-a-lado na Rua Verde Pinho) e o Nexgym Kickboxing Arena de Coimbra (presente no espaço do Grupo Desportivo da Arregaça, localizado na Rua do Mondego. Ainda no lado oeste do Vale da Arregaça, mas já fora do espaço do Bairro Social, temos o Clube de Ténis de Coimbra e os apartamentos da Quinta da Estrela, ambos localizados na Rua Lúcio de Almeida, que está ligada à Rua fonte do Castanheiro (área identificada a verde no mapa do Anexo N^o1).

No seguimento da Rua Fonte do Castanheiro os elementos mais notórios (por ordem de circulação a partir da zona do Bairro Social), para além das várias casas, são o edifício Fonte do Castanheiro (estava em construção durante a fase de mapeamento do projeto), a Quinta Fonte do Castanheiro (quinta habitada), a Quinta do Junqueiro (quinta abandonada), o Jardim de Infância d'A Providência Portuguesa, a Fonte do Castanheiro (espaço tradicional festivo abandonado) e a Quinta da Saudade (quinta não habitada, mas não abandonada que visitámos, mas não nos foi permitido filmar ou fotografar). Como se pode ver pelo mapa presente no Anexo N^o1, a Rua da Fonte do Castanheiro é a mais extensa, atravessando o Vale quase na sua totalidade. Nesta área podemos identificar as várias quintas que representam uma certa nobreza comparativamente ao espaço que as rodeia, mas também uma ruralidade que não é observada em mais nenhum local do Vale. Estas quintas são espaços de grande dimensão, isolados e selados e, com a exceção da Quinta do Junqueiro que se encontra abandonada, bem cuidados e desenvolvidos. A Quinta da Saudade, em particular, tem nela presente um elemento de antiguidade único. Infelizmente não nos foi permitido filmar ou gravar nada durante a nossa visita ao espaço (guiada por uma das herdeiras da Quinta). Contudo ficamos a conhecer mais sobre o dia-a-dia dos moradores daquela Quinta durante a sua infância (inclusive, falámos com uma moradora da Rua Verde Pinho que ainda hoje se encontra responsável por

manter o edifício principal da Quinta limpo e funcional). O espaço da Fonte do Castanheiro foi particularmente interessante porque de acordo com testemunhos de vários moradores mais antigos, outrora foi uma fonte funcional, onde os moradores iam buscar água e onde, ocasionalmente, eram feitos encontros entre jovens em dias festivos.

Na área que no Anexo N^o1 denominamos por 'Área União', as entidades de maior interesse são a Escolinha Encantada e a sede do Clube de Futebol União de Coimbra/União 1919, sendo o Edifício União um ponto residencial relevante pela sua imensa densidade populacional. O Campo de Futebol do União de Coimbra foi onde decorreu a apresentação do espetáculo.

Finalmente, seguindo a linha férrea Ramal da Lousã (hoje em dia abandonada) a partir da área do União chegamos ao espaço abandonado da Fábrica de Porcelanas/Sociedade de Porcelanas. Este é um espaço interessante não só pela importância que teve para o desenvolvimento industrial do espaço e da cidade mas também pelo seu infame encerramento. O espaço da Fábrica está completamente abandonado e arruinado, tendo ainda materiais e peças de porcelana de baixa qualidade presentes nos andares superiores do edifício fabril principal (como se pode ver no Anexo N^o2).

Através de um trilho ao lado da área da Fábrica de Porcelanas é possível regressar à Quinta da Estrela, junto ao Bairro Social. É, portanto, possível, elaborar um percurso que passe por todo o Vale, visitando todos os pontos de interesse do espaço, algo que teve influência decisiva no plano pré-pandemia Covid-19 para o espetáculo de rua.

7.2.2. Relação com a População Local

Como já mencionei previamente, numa fase inicial, a população do Vale da Arregaça mostrou-se fria e desconfiada. Ao longo do processo, conseguimos estabelecer contacto e aos poucos, cativar a população a participar no projeto.

O primeiro contacto com os moradores do Bairro Social foi facilitado pelo presidente da Associação de Moradores do Bairro Social da Fonte do

Castanheiro. A introdução a vários moradores mais recetivos, tal como alguma contextualização das vidas dos mesmos, foi extremamente importante nos primeiros dias, não só pela contribuição para o projeto como para acalmar o nosso nervosismo nas primeiras abordagens. Desta forma, conseguimos falar com vários moradores conhecidos por ele, alguns mais abertos a divagar sobre a sua vivência no Vale, e no Bairro Social em particular, do que outros. Muitos aparentaram estar satisfeitos com o facto de terem alguém interessado em ouvir as histórias deles, o que nos levou a compreender, de forma subtil, que muitos dos inquiridos viviam vidas um tanto solitárias e isoladas. O primeiro contacto foi um sucesso, pois, para além dos inquéritos aplicados, conseguimos destacar algumas personalidades de destaque, com os quais seria importante contactar numa fase seguinte.

Apesar da desconexão entre os moradores por muitos apontada, depois do nosso primeiro dia, a maior parte dos moradores com quem ainda não tínhamos falado já sabiam da nossa intenção de falar com eles. Moradores com quem falámos em dias anteriores falaram com amigos, conhecidos, vizinhos, informando que representantes do Teatrão andavam pelo Vale e tinham interesse em estórias do local. Isso foi outra ajuda que nos permitiu ter um acesso facilitado à população do Bairro Social. Apesar de algumas pessoas não demonstrarem interesse em participar diretamente no espetáculo, a grande maioria com quem falámos mostrou-se aberta em partilhar connosco informação relevante.

O processo de aproximação aos habitantes do Vale mostrou-se mais difícil, contudo, fora do Bairro Social. Os habitantes de prédios como o Edifício União e os apartamentos na Quinta da Estrela, entre outros espaços residenciais constituem uma população trabalhadora ou estudantil, o que faz deles mais inconsistentes nos horários em que estavam contactáveis. Este facto leva-nos a crer que uma grande maioria dos habitantes com quem não conseguimos falar de todo se encontravam nessa categoria trabalhador/estudante. Foi também difícil cativar aqueles com quem conseguíamos falar a participar no projeto, talvez porque estes considerassem que o seu tempo estaria ocupado. Contudo, a maior parte das vezes que conseguimos falar com os moradores, estes mostraram-se interessados no projeto, mesmo que disponibilizassem o seu tempo apenas para o preenchimento do inquérito.

De um modo geral, a população mais idosa e isolada que não tinha introdução prévia ao projeto e os habitantes mais ocupados pela sua vida diária foram os grupos que não demonstraram interesse em estabelecer uma ligação com o projeto. Apresentaram-se distantes e demonstraram ter pouco tempo para dispensar. É de relevar que se trataram de casos isolados e, pessoalmente, sempre tive experiências positivas, mesmo quando o preenchimento do inquérito ou uma breve introdução do projeto era negada. Posso dizer que depois da fase de mapeamento, uma parte significativa dos habitantes se mostraram interessados, participaram e incentivaram o projeto *De Portas Abertas*, vários disponibilizando-se para atividades posteriores ao mapeamento. Penso, então, ter cumprido um dos grandes objetivos da fase de mapeamento do projeto, que era cativar a população do Vale da Arregaça a participar num projeto que ajudasse a valorizar o local onde vivem, mostrando ao resto de Coimbra que este não é um espaço que mereça permanecer no esquecimento.

7.2.3. Relação com as Instituições Locais

As instituições locais sempre se mostraram abertas a dialogar connosco e a ajudar com a implementação do *De Portas Abertas*. O contacto com algumas instituições, como foi o caso da EDP ou do Clube de Futebol União de Coimbra, foi mais aprofundado, pois estes tinham potencial para serem parceiros chave neste projeto, mas isso não significa que outros estabelecimentos não tenham sido contactados também. A maior parte das instituições locais tiveram uma participação limitada no projeto, tipicamente resumida ao preenchimento de inquéritos, contudo todos acharam o projeto interessante. No caso da Escolinha Encantada, infantário localizado junto ao campo de futebol do União, a diretora com quem falámos até sugeriu uma parceria que envolvia a participação dos alunos no projeto de formas variadas (plano que não sucedeu devido à pandemia Covid-19).

O contacto estabelecido com membros, em particular, do Grupo Desportivo da Arregaça, membros do União de Coimbra e antigos trabalhadores da Fábrica de Porcelanas, deu-nos uma perspetiva do funcionamento e vivências nestes

espaços, apesar de o contacto não ter sido feito com representantes institucionais. Ficamos, então, mais informados dos contextos de funcionamento das instituições (no caso da Fábrica de Porcelanas, de como funcionava enquanto ainda produzia) e da forma como estes moldaram o espaço do Vale. Esta contextualização também nos ajudou a ver de que forma o Vale e as suas instituições evoluíram ao longo do tempo e de que forma essa evolução e as instituições nela envolvidas contribuíram para a identidade do Vale da Arregaça.

7.2.4. Papel das Entrevistas no Mapeamento Cultural

Após o primeiro contacto via aplicação de inquéritos, uma seleção de habitantes foi feita de entre os moradores do Vale da Arregaça. Esta seleção foi feita pela equipa participante no projeto. A escolha de pessoas a entrevistar foi feita tendo em conta as pessoas com quem já tínhamos falado que poderiam ter histórias interessantes a partilhar, que de certa forma nos poderiam ajudar a compreender melhor a vivência no Vale e o funcionamento das instituições características do Vale da Arregaça. As entrevistas realizadas giram em torno de elementos fulcrais para o projeto, nomeadamente, o Bairro Social Fonte do Castanheiro, o Clube União de Coimbra/União 1919 e a Sociedade de Porcelanas.

7.2.4.1. Bairro Social Fonte do Castanheiro

Todas as entrevistas realizadas relativamente a este tema permitiram-nos descobrir perspetivas interessantes sobre o Bairro Social. O Bairro social foi o ponto de partida da aplicação de inquéritos e mostrou-se um elemento central ao projeto devido à história que tem. O Bairro Social Fonte do Castanheiro (tal como o Bairro de Celas) foi construído para abrigar os moradores da alta, moradores conhecidos pelo título de Salatinas, quando se começou a dar a construção da cidade universitária (Entrevista N^o1). Ficámos a saber que estão em movimento planos de reabilitação do Bairro Social, como se pode ver pela seguinte citação.

[...] toda aquela zona é importante da cidade de Coimbra, [...] ali está sediado o Bairro Municipal que é um dos bairros que foi construído nos anos 40 depois da demolição da alta para a construção da cidade universitária [...] bairro que muito em breve iremos começar a requalificar [...] (Entrevista Nº1)

Através de entrevistas com moradores do Bairro Social conseguimos identificar uma certa insatisfação com a forçada mudança de habitação e com certas figuras políticas que outrora se tentaram aproveitar do Bairro Social doado à Câmara Municipal de Coimbra (Entrevista Nº2) para interesses pessoais, potencialmente prejudicando os moradores.

[...] o Senhor Doutor Manuel Machado no seu primeiro mandato [...] queria que as pessoas daqui do Bairro fossem para o Ingote para libertar o terreno [...] só que ele esqueceu-se de uma coisa. Este terreno foi doado por aquela Quinta das Varandas que ainda hoje existe ali, do outro lado da rua. Porque tudo isto, onde está este Bairro, onde está a EDP, onde estão aqui estes prédios da Quinta da Estrela, a estrada, onde está a ponto, tudo isso era desse senhor, Vasco Mancelos, que por sua vez depois ofereceu este terreno para a construção do Bairro, mas com condições. [...] quando ele quis mudar as pessoas para o Ingote enganou-se porque ele ao mudar as pessoas para o Ingote teria de devolver o terreno, o que ele não fez. (Entrevista Nº2)

[...] foi muito complicado com as pessoas virem da Alta para aqui, porque as pessoas na Alta viviam melhor do que passaram a ter aqui. [...] Porque as pessoas na alta dedicavam-se a alugar quartos aos estudantes e tinham ali uma fonte de rendimento, e essa fonte de rendimento deixaram de ter ao vir para aqui. E digo-lhe mais, bem mais grave é que as pessoas vieram à força para agora estarem aqueles edifícios ali abandonados praticamente [...] (Entrevista Nº2)

Apesar das dificuldades e insatisfações com a mudança de casa e com a instalação em um novo bairro, os Salatins mantiveram vivas as suas tradições culturais, e neste novo lar as meteram em prática como faziam na Alta.

[...] fogueiras de S. João em Celas ainda continuam a fazer, a feira dos lázaros em celas ainda continuam a fazer como na Alta, tradições que vinham da velha Alta, hoje até há uma associação salatina [...]. Na Fonte do Castanheiro há um pouco menos, mas também há essa tradição, ela subsiste, são bairros completamente diferentes de outros bairros municipais [...] estes dois em concreto têm estas características de trazerem consigo toda uma história [...] (Entrevista Nº1)

Cabe, contudo, aos moradores que ainda conhecem estas tradições cativar os moradores mais recentes a viver essas tradições culturais, de modo a que fiquem preservadas.

[...] à medida que os bairros foram despovoados, o repovoamento dos bairros é obviamente com pessoas que pouco ou nada têm a ver com os moradores originais [...] creio que as associações de moradores têm um papel fundamental de preservação [...] há pessoas que têm um grande espólio de livros diversos, materiais, inclusivamente, houve alguém que faleceu há algum tempo atrás, doou à câmara [...] (Entrevista Nº1)

É, então, importante perceber que apesar das dificuldades apresentadas, a cultura salatina na vida das pessoas do Bairro da Fonte do Castanheiro sempre esteve presente, e ainda hoje está apesar de mais escassa. O papel da planeada reabilitação do Bairro Social na preservação da cultura salatina e no reaproveitamento de um espaço por tanto tempo considerado esquecido é indispensável e pode ajudar a trazer nova vida ao Bairro Social, e, portanto ao Vale da Arregaça.

7.2.4.2. Clube União de Coimbra/União 1919

O Clube União de Coimbra/União 1919 foi uma entidade central ao projeto, já que aqui foi apresentado o espetáculo “Onde Fica a Arregaça?” O União é uma figura central na história do Vale da Arregaça, e, como tal, contribui ao longo dos anos para a identidade histórica e cultural do Vale. Durante as nossas pesquisas bibliográficas e as interações que tivemos com os habitantes conseguimos perceber o papel do União no Vale. O União não só servia como uma passatempo para os moradores apreciadores de futebol, mas também representava o próprio Vale, representação evidente na rivalidade entre o União e a Académica. Esta rivalidade e o seu significado para o funcionamento do clube foram centrais na nossa pesquisa.

[...] houve também a divisão da Académica, que era só dos estudantes que enfatizou essa rivalidade, porque antigamente o Académica era só dos estudantes e só jogavam jogadores que tavam na universidade, na academia, e depois houve uma divisória para o Organismo Autónomo do Futebol e o União sempre foi um pouco contra isso e então houve sempre aquela rivalidade com a Académica e quando houve essa divisão mais ainda. Aliás, a Académica tentou muitas vezes dar a mão ao União

e o União nunca quis por causa da rivalidade de anos e anos e anos.
(Entrevista Nº3)

[...] as lutas académicas era de tal maneira que os jogos, com tal rivalidade, que se começaram a dar pancada no café Santa Cruz até ao campo de Santa Cruz quando era o jogo no Santa Cruz, quando era na Arregaça era no café Santa Cruz na Arregaça [...] pancada por todo o lado, havia uma taça inclusiva que foi partida ao meio [...] (Entrevista Nº4)

A partir destas citações, podemos depreender que a rivalidade se resumia às imagens pelos clubes apresentadas, neste caso estudantes contra o povo, sendo a Académica a representante dos estudantes e o União o representante do povo. Esta percepção relativa às representações é, no entanto, um pouco falaciosa. O União foi também constituído por estudantes universitários.

[...] Como é que aparecem aqui os médicos e essas coisas, porque foram todos dispensados da Académica [...] eram todos jogadores da Académica e foram dispensados, eram jovens que tinham vindo dos juniores e foram todos dispensados [...] (Entrevista Nº4)

Esta rivalidade atinge o seu pico no período de maior sucesso do União. Na época de 1971/1972, o União de Coimbra conseguiu pela primeira vez na sua história subir à Primeira Liga (primeira divisão). Nessa mesma época, sagrou-se também campeão nacional da Segunda Liga, conquistando assim o primeiro título nacional do seu palmarés. Esta subida coincidiu também com a descida da Académica para a Segunda Liga, alimentando ainda mais a rivalidade entre os clubes. Esta onda de vitórias para o Clube União começou a motivar os seus adeptos ainda mais, tendo surgido o conceito denominado “Vai tudo”. A falta de fé na equipa técnica por parte dos sócios rapidamente evoluiu para um apoio incondicional que, de forma subsistente, motivava desempenhos ainda melhores.

[...] quando eu cheguei começaram a dizer “olha vem aí um preto que vai dar cabo do União” [...] eu era da académica e a académica eram os pretos [...] a minha primeira viagem, o União estava habituado a ir para qualquer lado e levar o lanchezito [...] e eu exigi que os jogadores almoçavam num restaurante [...] “este gajo é doido, este gajo vai matar isto” [...] mas começaram a vir vitórias, começaram as vitórias e o que é que acontece? As pessoas que diziam mal começaram a ver que a Académica está no campeonato a perder, perder, perder e a descer e

começaram a ver o União a subir, subir, subir e começaram a perdoar tudo. (Entrevista Nº4)

[...] era uma coisa louca, aquilo era uma coisa... para já eram indivíduos que traziam uma bandeira muito grande com pau, a bandeira, virava-se o pau ao contrário sempre que aquilo havia pancada [...] íamos para todo lado, ele ia para todo lado, digo-lhe com franqueza, era como se estivesse a jogar em casa, porque 50 sócios do União valiam 1000 do outro lado [...] (Entrevista Nº4)

Infelizmente, a passagem pela Primeira Liga por parte do União foi fugaz. Na temporada de 1972/1973, os resultados obtidos foram medíocres, obtendo apenas 17 pontos em 30 jogos da competição. Ficou classificado na 14ª posição da tabela geral e foi obrigado a disputar, no final da época, o Torneio da Competência com clubes da Segunda Divisão, na tentativa de manter o seu lugar no primeiro escalão. Não tendo obtido sucesso nessa tentativa, o Clube União foi relegado à Segunda Divisão na mesma temporada em que a Académica subiu para a Primeira Divisão. Aqui então se deu um declínio no funcionamento do clube e nas suas conquistas.

[...] infelizmente, adivinhei a queda do União. [...] estou no União e aparece um empresário vindo de Tuvalu e chegou aqui e pretende comprar o clube. [...] A empresa que vinha para aqui era para ganhar dinheiro e vender jogadores. Os sócios do União começaram a afastar-se, os mais antigos começaram a sair e o União começa a cair e chega uma altura que é um colapso total. (Entrevista Nº4)

[...] Sim, eles deixaram de ter séniores, que era uma coisa que o União, não era como a Académica, mas teve sempre vários apoios. Lembro-me do empresário trazer vários jogadores, inclusive houve um treinador, que era o Manuel Bento, que foi um grande guarda-redes do Benfica e da Seleção Nacional [...] houve ali vários incentivos, só que aquilo acho que foi cada vez mais... o fosso foi cada vez maior [...] (Entrevista Nº3)

Este declínio eventualmente levou a que o clube fosse forçado a declarar falência e, durante algum tempo, cessasse atividades. Face a este encerramento, antigos sócios e ex-dirigentes do clube fizeram a sua missão reerguer o clube, na tentativa de viver novas glórias com a nova marca denominada União 1919. E esta nova missão foi apoiada pelo povo, outrora representado pelo nome União.

[...] não morreu felizmente, agora tá lá um moço, o juiz que foi meu jogador e que vai endireitar aquilo, estou convencido que vai tornar o União numa equipa de futuro [...] (Entrevista Nº4)

[...] há confiança, e é isso que se sente não só no campo da Arregaça, mas também nos cafés à volta, porque nós quando vamos no fim do jogo ou antes do jogo beber café em algum lado, toda a gente nos reconhece e toda a gente nos apoia [...] toda essa gente é que nos foi conhecendo e que nos dá apoio, isso não é assim tão normal [...] (Entrevista Nº5)

Este renascimento do União revive nas pessoas memórias passadas do clube e trazem expectativas daquilo que o clube poderá vir a ser.

[...] Eu acho que o União sempre foi uma referência e na altura nós não tínhamos a certeza disso [...] tinha uma grande influência [...] (Entrevista Nº3).

[...] o que oiço é a mesma coisa, no ano passado a nossa claque era maioritariamente constituída por adeptos... os adeptos eram os rapazes das camadas jovens que iam ver os nossos jogos e levavam tambores e cantavam do primeiro ao último minuto e eu penso que é assim que se transmite os valores, é desde pequeno... isso não muda durante o tempo, não é por acaso que agora tenho colegas meus que jogaram há 10 anos na formação do União e queriam voltar, eu acho que é da mesma forma, agora os miúdos quando forem maiores vão sentir o União da mesma forma [...] (Entrevista Nº5)

Através das entrevistas realizadas e das citações acima expostas, conseguimos perceber o valor que o União teve e tem para o Vale da Arregaça, seja o antigo Clube União de Coimbra ou o presente União 1919. A envolvência no mundo desportivo dos moradores da Arregaça ao longo das décadas influenciada pelo clube local é fascinante. No seguimento deste material recolhido, o União tornou-se então central para o projeto *De Portas Abertas* pela sua habilidade de envolver a comunidade local nas suas lutas, favorecendo em certa medida que o projeto artístico e comunitário *De Portas Abertas* fizesse o mesmo. A apresentação do espetáculo no campo de futebol do União, assim como a influência das histórias sobre o clube notória na construção da dramaturgia do espetáculo, atestam o envolvimento da comunidade local.

7.2.4.3. Sociedade de Porcelanas

A Fábrica de Porcelanas/Sociedade de Porcelanas da Vista Alegre foi outra entidade de extremo destaque no projeto. Apesar do seu presente abandono, a importância da fábrica é evidente, tanto a nível identitário do Vale da Arregaça como a nível industrial, em particular no que respeita às histórias infames do seu encerramento e das greves envolvidas com o mesmo.

A história da fábrica é interessante, pois apesar de ser uma empresa filha da Vista Alegre e de produzir louça fina de muita qualidade, era uma fábrica que dava prejuízo (Entrevista N°5).

[...] entretanto nós deixamos de fabricar louça fina, porque custava muito dinheiro, [...] porque a porcelana aqui tinha mais qualidade que a da Vista Alegre por causa da nossa água. [...] E isso não podia ser. Mas muita da porcelana, por exemplo, para a Rainha de Inglaterra, foi feita aqui mesmo com a marca da Vista Alegre, mas foi feita aqui porque a porcelana tornava-se mais brilhante, mais translúcida do que na Vista Alegre por causa das águas que lá têm, ou seja, muita da pasta até era feita aqui e ia para lá [...]. A louça era transportada após a cozedura e havia um estrago então imenso. (Entrevista N°5)

Para tentar compensar o prejuízo causado pela fábrica, foi chamado um novo gerente conhecido por o “Alemão”. Com a chegada do “Alemão” mudanças foram feitas nos métodos de produção. Em vez de louça fina (Entrevista N°5), começou a ser produzida louça de hotel, que é uma porcelana mais resistente.

[...] Nós aqui, quando veio para aqui o “Alemão”, houve uma transformação completa da porcelana, começou-se a fabricar o tipo de porcelana com uma qualidade, ou seja uma grande resistência, que era para os hotéis e isso, durante uns anos, ou seja de 1978 até 2000, fabricou-se esse tipo de porcelana, ou seja, havia uma aposta grande na empresa, tanto que houve aqui um investimento de alguns milhares de contos. Esta fábrica era uma fábrica quase artesanal, era tudo feito à mão, nessa altura o “Alemão” quando entrou houve aqui um desenvolvimento industrial [...] tivemos aqui máquinas capazes de fabricar cerca de 20000 peças por dia [...] (Entrevista N°5)

[...] quando o “Alemão” veio, alterou aquilo e passamos a fazer outro tipo de, pronto [...] chamava-se louça de hotel [...] era muito grossa, para não partir porque a louça fina, normalmente era vendida para as famílias, quem tivesse dinheiro para comprar aquilo, não é, portanto aquilo era um luxo, e então isso não era possível vender à hotelaria [...] (Entrevista N°6)

Após um certo período de tempo, o dirigente conhecido por “Alemão” foi substituído pelo filho do patrão na altura (Entrevista N°6). A inexperiência do novo dirigente causou incerteza nos operários e muitos começaram a prever fortes mudanças inevitáveis. Essas mudanças foram postas em ação quando, para evitar manchar a imagem da Vista Alegre (devido à potencial declaração de falência da Fábrica de Porcelanas na Arregaça), a fábrica foi vendida a novos donos, que vieram a ser os últimos donos antes do encerramento da Fábrica no dia 12 de dezembro de 2005 (Gonçalves, 2005).

Depois quando este mote agarrou naquilo, acho que foi ela por ela, não sei qual foi o negócio, aquilo foi... ficaram com aquilo por favor [...] como tava no berro o metro, aquilo ia ser um espetáculo para construir qualquer coisa. A partir desse momento nós soubemos, é que começou a tal... a temer aquilo que depois veio a acontecer mais tarde. (Entrevista N°6)

Os presságios dos trabalhadores provaram-se quando o novo dono da fábrica afirmou que não voltaria a abrir as portas da fábrica, ignorando completamente os apelos dos seus trabalhadores. Isto desencadeou reações dos operários revoltados, resultando em greves e ameaças.

[...] naquela altura, foi claro, ele disse “já não abro mais isto” [...] a posição dele foi clara “vocês façam o que quiserem, se quiserem receber indemnização tudo bem, receber indemnização na hora, trabalhar não trabalham mais, a fábrica fechou” e prontos, ficamos todos, tivemos que ir para o tribunal [...] (Entrevista N°6)

[...] valeu a pena deslocar-me, valeu a pena colocar o carro em frente ao portão e vir a polícia, valeu a pena prendermos o homem aqui em cima, tavam 50 polícias lá fora do corpo especial, por isso é que digo que tivemos um pouco de sorte, quem era o chefe da polícia naquela altura? Era filho de um operário que tinha sido despedido, e ele compreendia a situação que estávamos a viver. (Entrevista N°5)

As greves por parte dos trabalhadores, a luta por aquilo que lhes era devido, provou ser um sucesso para muitos, mas para outros nem tanto. Muitos dos operários temiam que a luta não fosse ter frutos ou que fosse demorar demasiado tempo, e portanto aceitaram indemnizações e seguiram em frente.

[...] Eu estou convencido que se demorássemos mais algum tempo, claro que as pessoas começariam a ceder. Nesta última luta que houve, já de 2003 para cá, já só éramos 21 ou 22 pessoas. (Entrevista N°5)

[...] eles utilizaram uma estratégia, as partidas tentaram com que os trabalhadores viessem embora, ofereceram algum dinheiro e tal, aquilo que é costume. Começaram a lixar os trabalhadores para rescindir. (Entrevista Nº6)

Todas estas experiências amargas marcaram os ex-trabalhadores ao ponto de ainda hoje não terem interesse em visitar o espaço da fábrica para não reviverem as más memórias.

[...] só quando passo de autocarro olho para lá. [...] lá está tudo menos o esqueleto. (Entrevista Nº6)

A Fábrica de Porcelanas provou, tal como o União, ser uma entidade que ao longo dos anos marcou a Arregaça e os seus moradores. Ainda hoje, que a fábrica se encontra arruinada, as histórias partilhadas pelos ex-trabalhadores lhes pesam. Os momentos alegres lá passados, num ambiente quase de família, os momentos de luta, que tanto custaram, tudo isso marcou as pessoas que passaram pela fábrica. É um legado que fica e que com representações, como o projeto *De Portas Abertas*, talvez venham relembrar, contribuindo assim para uma reflexão sobre o futuro do local, da fábrica e da identidade da cidade de Coimbra.

8. Conclusões

O estágio que realizei no Teatrão, no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e as atividades que na sua duração realizei provaram ser uma mais-valia para a minha formação académica e para o meu desenvolvimento pessoal.

Foi importante a aplicação dos conhecimentos e metodologias, como a aplicação de inquéritos e a análise estatística dos mesmos. Adquiri estas competências ao longo do meu percurso académico num ambiente prático, e a experiência que dessa aplicação surge pode vir a ser valiosa na minha inserção futura no mercado de trabalho. A minha inserção num contexto artístico como é o do Teatrão foi também uma experiência única que me permitiu, pela primeira vez, experienciar a ligação de duas disciplinas que, na minha mente, eram distintas: a área das Ciências Sociais e a área das Artes Performativas.

A minha experiência pessoal de estágio foi, de um modo geral, positiva. Inicialmente, o forte nervosismo e ansiedade de ser inserido num ambiente desconhecido e a necessidade de pôr a teoria em prática foi um pouco dominante. É também importante mencionar que, com a interrupção das atividades de campo devido à pandemia Covid-19, foi necessário desenvolver uma certa flexibilidade para cumprir as tarefas que ainda eram requeridas. Apesar do eventual cumprimento das atividades requeridas, houve um breve período de adaptação aos novos métodos de trabalho, o que, de certa forma, causou um abrandamento na realização de atividades. Contudo, a forma afável como fui tratado, tanto por parte do Teatrão e da equipa que participou neste projeto, como por parte das pessoas com quem tive que estabelecer contacto para a realização de atividade, deixou-me mais à vontade e facilitou a minha adaptação a novas rotinas, atividades e responsabilidades. A satisfação final que obtive por ter contribuído para um projeto como o *De Portas Abertas* que, para além de ambicioso, é um projeto de valorizar, foi uma recompensa inesperada que me deixou com uma imagem positiva da experiência como um todo.

Este foi um projeto ambicioso que procurou envolver a população do Vale da Arregaça na sua elaboração, mas Coimbra como um todo na sua apresentação. Como tal, devido à sua dimensão e dependência de certos

elementos exteriores, houve pontos fortes e pontos mais fracos no seu processo de construção.

Os pontos fortes deste projeto resumem-se à sua ambição e aos seus objetivos. A natureza de um projeto como este permite moldar-se a cada objeto de estudo, fazendo com que cada projeto seja único na identidade que demonstra. O projeto *De Portas Abertas* em particular foi interessante pois dependeu da vontade das pessoas da comunidade envolvente em partilharem o contexto que seria usado na escrita da dramaturgia para o espetáculo final. A envolvência do espaço, dos seus elementos de destaque e dos seus habitantes fortaleceram o projeto de um ponto de vista identitário (não há mais nenhum projeto como este) e de um ponto de vista de adesão das pessoas (é um projeto feito pela comunidade e para a comunidade). Cada pessoa que vá à apresentação de um espetáculo para o qual contribui sentirá sempre que fez parte do que está a ser apresentado. Este facto denota a importância da ligação do projeto ao objeto de estudo. O projeto foi também inteligente na forma como procurou algo aparentemente desconhecido ao resto da cidade de Coimbra para apresentar. Este facto poderá ter ajudado a cativar os espetadores a, posteriormente à apresentação do espetáculo, procurarem saber mais sobre o Vale da Arregaça, os seus habitantes e as suas tradições. É também de mencionar que o projeto foi fortalecido pela equipa artística que o compôs. Os membros do projeto mantiveram-se sempre motivados, ativos e interessados no projeto e em relação direta com o tema, dando um toque de genuinidade ao produto final. Do meu ponto de vista, julgo que é de referir a flexibilidade demonstrada na apresentação do espetáculo. O produto final teve que ser alterado devido à pandemia Covid-19, e isto poderia ter causado alguns constrangimentos, tanto na produção como na motivação dos elementos envolvidos. Contudo, a habilidade dos envolvidos permitiu que o produto final se adaptasse às circunstâncias pandémicas, não descurando nunca os objetivos iniciais da proposta.

Os pontos fracos do projeto consistem na imprevisibilidade de elementos terceiros relevantes. Quero com isto dizer, que o projeto dependia da abertura do Vale da Arregaça para se construir. O projeto precisava de ser aceite pelo espaço, ou neste caso, pelos seus moradores para suceder. Felizmente, teve sucesso neste departamento, contudo houveram moradores que se recusaram a

participar de todo. Houveram também dificuldades causadas pela incapacidade de foco neste projeto por parte d'O Teatrão. Devido à natureza da companhia e das atividades que realiza, foram necessários vários reagendamentos de atividades e atualizações feitas ao cronograma de atividades, condições que vieram a ser um pouco agravadas pela pandemia Covid-19.

Projetos como este servem para dar voz a pessoas e espaços que durante muito tempo se encontravam esquecidos. Algo que ouvimos repetidas vezes durante conversas com moradores do Vale foi que estes se achavam invisíveis para o resto de Coimbra. Um projeto desta dimensão permite à população do Vale da Arregaça chamar à atenção para os problemas que existem em uma muito maior dimensão.

Mais do que isso, contudo, projetos como este chamam a atenção para a cultura esquecida de locais como o Vale da Arregaça. Tradições esquecidas pelos presentes moradores jovens do Vale são trazidas ao de cima, demonstrando uma vivência perdida que, para nós, pode parecer tão distante. Como é dito no recente artigo de Almeida (2021), que fala sobre uma exposição realizada no espaço da antiga Fábrica de Porcelanas, organizada pelo *Grupo Pescada N5* e a *Associação Há Baixa*: “Estas manifestações permitem entender as diversas camadas de tempo, de uso ou história deste lugar.” Iniciativas deste género, podem ser então, máquinas do tempo que nos demonstram uma identidade turva de um espaço, trazendo nova vida à dita identidade.

Este projeto permitiu-me perceber de que forma a Arte pode influenciar o contexto social. A minha escolha temática para este relatório foi moldada pelas perspetivas que fui adquirindo durante o decorrer deste projeto. Foi algo tocante ver a forma como os moradores do Vale da Arregaça se queixavam de vários problemas presentes no espaço onde vivem e nas suas vivências do dia-a-dia, ao mesmo tempo que julgavam que o objetivo do projeto *De Portas Abertas* seria resolver todos esses problemas. Isso fez-me questionar a forma como uma certa tipologia de projetos artísticos pode ter a capacidade de, mesmo que não diretamente, ajudar a chamar a atenção para certas problemáticas que existem nas comunidades mais fragilizadas. Deste ponto de vista, penso ter sido precisamente isso que o projeto *De Portas Abertas* tentou fazer. Apesar dos seus variados objetivos relacionados com os elementos culturais, de forma subtil, esta chamada de atenção permitiu que o Vale da Arregaça, e os vários espaços de

relevância histórica nele presentes ganhassem relevância. Depois de tantas experiências positivas, histórias partilhadas, tradições descobertas, acho justo concluir que o Vale da Arregaça é um espaço central na cidade de Coimbra que tem uma identidade cultural única, que merece ser conhecida, zelada e valorizada.

9. Referências Bibliográficas

Alvarinhas, Margarida. (2019) Classes do Teatrão vão à Arregaça em busca de histórias para levar a palco. Diário de Coimbra. Obtido a 20 de agosto de 2021, disponível em: https://www.uc.pt/feuc/ultimo_mes/docs/2019/setembro/2019_-_09_-_30_-_DC_-_Classes_do_Teatrao_vao_a_Arregaca_em_busca_dehistorias_para_levar_a_palco.pdf

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais, 4ª edição, Lisboa: Gradiva.

Barja, Wagner. (2008). Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. Revista Ibero-americana de Ciência da Informação, v.1 n.1, p.213-218.

Dos Santos Vieira e Silva, Anna Lúcia. «PUBLIC ART - Grafite: manifestação de arte urbana». On the w@terfront, [em linha], 2008, n. 11, p. 131-4. Obtido a 21 de setembro de 2021, disponível em: <https://raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/218476>

Rola, Alexandre Nuno Seabra Marques. (2010). Intervenções urbanas. ESAD- Escola Superior de Arte e Design. Matosinhos Editora.

Gómez, José António. (1998). Paradigmas teóricos na animação sociocultural. In Jaume Trilla (Coord.), Animação sociocultural: Teorias, programas e âmbitos (pp. 45-63). Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.

Duarte, Nádía. (2013). Fragmentos: Reunião das memórias dos últimos Salatinas da Velha Alta de Coimbra. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Coimbra.

Pollice, Fábio. (2010). O Papel da Identidade Territorial nos Processos de Desenvolvimento Local. Revista Espaço e Cultura, n. 27, p. 7-23, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Fortuna, Carlos. (1997). As Cidades e as Identidades Narrativas, patrimônios e memórias. Obtido a 23 de setembro de 2021, disponível em: http://anpocs.com/images/stories/RBCS/33/rbcs33_08.pdf

Fortuna, Carlos, Peixoto, Paulo. (2000). As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas. Obtido a 23 de setembro de 2021, disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462deae230d68_1.pdf

Fortuna, Carlos. (2012). Património, turismo e emoção. Revista Crítica de Ciências Sociais, 97. Obtido a 25 setembro de 2021, disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.4898>

Jorge, Virgolino Ferreira. (2000). Património e Identidade Nacional. UM Engenharia Civil, Número 9, Évora, Portugal.

Martins, Guilherme d'Oliveira. (2020). Património Cultural: Realidade Viva. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Stewart, Sue. (2007). Cultural Mapping Toolkit. (C. C. N. of C. and 2010 L. Now, Ed.). Vancouver.

Cabeça, Sónia Moreira. (2018). Mapeamento Cultural: uma Metodologia Sustentada para o Património Cultural Imaterial. MEMORIAMEDIA 3, Art.5, p.1-10. Obtido a 27 de setembro de 2021, disponível em: https://memoriamedia.net/pdfarticles/PT_REVISTAMEMORIAMEDIA_Mapeamento_Cultural.pdf

Evans, Graeme, Foord, Jo. (2008). Cultural mapping and sustainable communities: planning for the arts revisited, Cultural Trends, 17:2, 65-96, DOI: [10.1080/09548960802090634](https://doi.org/10.1080/09548960802090634)

Throsby, David. (2010). The Economics of Cultural Policy. New York: Cambridge University Press.

Agência Lusa. (2020). Teatrão Apresenta espetáculo sobre o Vale da Arregaça, “espaço invisível” em Coimbra. Diário As Beiras. Obtido a 27 de setembro de 2021, disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2020/08/teatrao-apresenta-espetaculo-sobre-o-vale-da-arregaca-espaco-invisivel-em-coimbra/>

L.s./Lusa. (2021). Companhia lança documentário sobre a Arregaça, uma “zona esquecida” de Coimbra. Obtido a 27 de setembro de 2021, disponível em: <https://mag.sapo.pt/cinema/atualidade-cinema/artigos/companhia-lanca-documentario-sobre-a-arregaca-uma-zona-esquecida-de-coimbra>

Lopes, Maria João. (2005). Trabalhadores da Porcelanas de Coimbra mantêm-se à porta das instalações. O Público. Obtido a 27 de setembro de 2021, disponível em: <https://www.publico.pt/2005/12/13/jornal/trabalhadores--da-porcelanas-de-coimbra-mantemse-a-porta-das-instalacoes-53601>

Vaz, Rafael. (2018). União 1919: a versão 2.0 do rival «esquecido» da Académica. Obtido a 28 de setembro de 2021, disponível em:

<https://maisfutebol.iol.pt/caminhos-de-portugal/uniao-de-coimbra/uniao-1919-a-versao-2-0-do-rival-esquecido-da-academica>

Seabra, A. d. (1890). Expropriação da Quinta da Arregaça . A pedido da Companhia do Caminho de Ferro de Coimbra a Arganil contra o EX.mo Sr. Conde de Foz D'Arouce. Coimbra, Coimbra, Portugal: Imprensa Academica.

Sá, Octaviano. (1942). A Tricana no Folclore Coimbrão. Coimbra: Edição da Comissão Municipal de Turismo.

Exposição “Admirável Mundo Novo” na Sociedade de Porcelanas de Coimbra. Campeão das Províncias. Obtido a 10 de outubro de 2021, disponível em: <https://www.campeaoprovincias.pt/noticia/exposicao-admiravel-mundo-novo-na-sociedade-de-porcelanas-de-coimbra>

Gonçalves, Miguel. (2005). Sociedade de Porcelanas vai fechar e deixa 27 na rua. Jornal de Notícias. Obtido a 10 de outubro de 2021, disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2005/sociedade-de-porcelanas-vai-fechar-e-deixa-27-na-rua-522578.html?id=522578>

Almeida, Patrícia Cruz. (2021). Nesta fábrica abandonada há um "Admirável Mundo Novo" a nascer. Diário As Beiras. Obtido a 9 de outubro de 2021, disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2021/09/nesta-fabrica-abandonada-ha-um-admiravel-mundo-novo-a-nascer/>

Definição de INTERVIR in Dicionário *Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/intervir> (consultado em 20 de outubro de 2021)



Anexo Nº3 - Edifício Fonte do Castanheiro (ainda em construção)



Anexo Nº4 - Campos do Clube de Ténis de Coimbra



Anexo Nº5 - Portão da Quinta da Fonte do Castanheiro



Anexo Nº6 - Portão da Quinta do Junqueiro



Anexo Nº7 - Portão da Quinta da Saudade



Anexo Nº8 - Campo de Futebol do União 1919



Anexo Nº9 - Abandonada Fábrica de Porcelanas da Arregaça (Exterior)



Anexo Nº10 - Abandonada Fábrica de Porcelanas da Arregaça (Interior)



Anexo Nº11 - Mapa do Bairro Social da Fonte do Castanheiro utilizado durante a fase de mapeamento cultural

A Oficina Municipal de Teatro (OMT) e o Teatrão estão a realizar um estudo local com o âmbito de melhor conhecer os residentes do Vale da Arregaça, as suas histórias e as suas tradições. Este estudo tem a finalidade de organizar uma peça de teatro de texto original baseado na informação recolhida por estes inquéritos. As suas respostas serão fundamentais para o nosso trabalho, e, como tal, pedimos que responda a este inquérito. As suas respostas são anónimas e confidenciais. Agradecemos desde já a sua colaboração.

I. Dados Pessoais

1. Sexo Masculino ₁ Feminino ₂

2. Qual é a sua idade? _____ NR ₂

3. Qual é a sua ocupação principal?

Exerce uma atividade profissional..... ₁

Está desempregado/a..... ₂

Está à procura do 1.º emprego..... ₃

É reformado/a ou pensionista..... ₄

É estudante..... ₅

É trabalhador-estudante..... ₆

Outra situação..... ₇ Qual? _____

NS ₁ NR ₂

4. Qual é o seu nível de escolaridade (indique o grau mais elevado que completou).

Sem qualquer grau completo..... ₁

1º ciclo do ensino básico..... ₂

2º ciclo do ensino básico..... ₃

3º ciclo do ensino básico..... ₄

Ensino secundário..... ₅

Ensino superior..... ₆

NS ₁ NR ₂

5. Há quanto tempo vive no Vale da Arregaça?

Menos de 1 ano..... ₁

Entre 1 e 5 anos..... ₂

Entre 6 a 10 anos..... ₃

Mais de 10 anos..... ₄

NS ₁ NR ₂

II. Oferta Cultural

6. Avalie as seguintes afirmações relativas à oferta cultural em Coimbra quanto à sua importância:

Responda utilizando uma escala onde "1" significa discordo totalmente e "7" significa concordo totalmente.

| Afirmações | Grau de Importância | | | | | | | NS | NR |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | | |
| 6.1. Existe uma elevada oferta cultural em Coimbra. | <input type="checkbox"/> |
| 6.2. Existe uma forte divulgação da oferta cultural em Coimbra. | <input type="checkbox"/> |
| 6.3 A oferta cultural disponível em Coimbra é baseada nas preferências das comunidades locais. | <input type="checkbox"/> |
| 6.4. A câmara municipal de Coimbra valoriza a prática cultural em Coimbra. | <input type="checkbox"/> |
| 6.5. Os residentes de Coimbra demonstram interesse nas atividades relacionadas com a oferta cultural de Coimbra. | <input type="checkbox"/> |
| 6.6 – Os residentes de Coimbra demonstram interesse em participar ativamente em atividades relacionadas com a oferta cultural de Coimbra. | <input type="checkbox"/> |

7. Considera que a informação divulgada sobre entidades organizadoras de atividades culturais (como o Teatrão, por exemplo) é:

Suficiente

Insuficiente

NS NR

8. Já participou, direta ou indiretamente, em alguma atividade cultural realizada em Coimbra?

Sim ___ Não ___

Se sim, qual? _____

NS NR

9. Se fossem realizadas mais atividades culturais que envolvessem a participação do público, teria interesse em participar?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

III. Informação

10. Tem conhecimento de alguma prática tradicional originária ao Vale da Arregaça?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

10.1 Se sim, qual/quais?

11. Tem conhecimento de algum ponto de referência/monumento com importância histórica para o Vale da Arregaça?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

11.1 Se sim, qual/quais?

12. Na eventualidade de serem organizados eventos culturais (peças de teatro, por exemplo) no Vale da Arregaça, teria interesse em participar?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

13. Acha positiva a criação de ofertas culturais que têm como fonte de inspiração práticas culturais tradicionais?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

14. Teria interesse em participar na organização deste projeto do Teatrão que envolve a cultura e tradição do Vale da Arregaça?

Sim ___ Não ___ NS .1 NR .2

Agradecemos a sua colaboração!

Anexo Nº12 - Inquérito aplicado durante o mapeamento cultural do Vale da Arregaça





Anexo Nº13 - Fotografias do Espetáculo apresentado no Vale da Arregaça relativo ao projeto *De Portas Abertas* - Fotografias da autoria de Carlos Gomes

De Portas Abertas: Projeto Artístico e Comunitário no Vale da Arreção de Coimbra



XI Congresso Português de Sociologia – ESPP/ISCTE-IUL e ICS-ULisboa – online – 29 a 31 de março de 2021, por:
 Daniel Lavrador – daniel.lavrador18@gmail.com
 João Catulo – jcatulo07@gmail.com
 Alunos de Mestrado em Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC)

Introdução

"De Portas Abertas" é um projeto artístico e comunitário, realizado pelo Teatrão (companhia profissional de teatro de Coimbra), em que a nossa tarefa principal foi integrar a equipa do projeto e contribuir para o processo de Mapeamento Cultural de uma zona da cidade de Coimbra: o Vale da Arreção. Os espetáculos de teatro foram apresentados na fase final do projeto, onde toda a informação recolhida durante a fase do mapeamento serviu para enriquecer a dramaturgia. Os resultados do mapeamento determinaram a planificação das restantes atividades, nomeadamente a identificação de espaços e lugares de grande importância simbólica e cultural e o aprofundamento de estórias de vida dos moradores. Desta forma foi possível criar uma rede de pessoas disponíveis para tornar esta intervenção verdadeiramente participada, seja através de entrevistas mais aprofundadas ou como participantes dos espetáculos de teatro planeados.

Metodologias utilizadas no Mapeamento Cultural

- Pesquisa**
- Geográfica
 - Documental
 - Bibliográfica
- Observação Direta**
- Locais de referência (Campo de futebol da Arreção, Sociedade de Porcelanas e Fonte do Castanheiro)



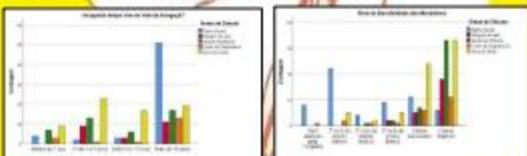
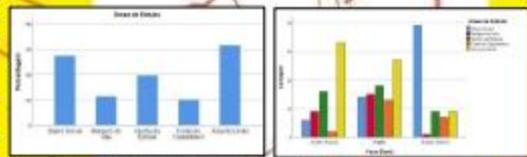
- Análise Quantitativa e Qualitativa da Informação**
- Inquérito por questionário aplicado porta-a-porta (219 inquéritos)
 - Realização de Entrevistas semiestruturadas a moradores do Vale da Arreção (9 entrevistas)
 - Conversas Abertas com representantes das Associações Locais (Associação artística e cultural Salatina, Associação de moradores do Bairro Social Fonte do Castanheiro, Grupo Desportivo da Arreção)



Resultados

De acordo com os gráficos apresentados, feitos com as informações obtidas através da aplicação de inquéritos por questionário, é possível perceber que:

- Existe um fosso geracional entre:
 - a população mais jovem, mais escolarizada e a viver na zona mais moderna (Área do União) e próxima dos centros urbanos da cidade, e a população mais idosa, menos escolarizada, mais isolada e afastada dos principais centros urbanos a viver na zona mais antiga e degradada do Vale (Área do Bairro Social).
- Sobre a programação cultural de Coimbra:
 - os moradores mais jovens mostram-se mais interessados, são maiores consumidores e mais críticos;
 - a população mais idosa mostra-se indiferente e usufruiu menos da oferta cultural.
- A situação inverte-se quando são questionados sobre as tradições culturais e/ou religiosas do Vale:
 - a população mais idosa é mais conhecedora das tradições locais;
 - a população mais jovem mostra-se desinteressada e desconhecedora.



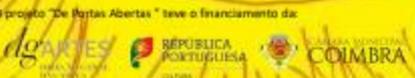
Apresentação do Espetáculo "De Portas Abertas"

O primeiro espetáculo, realizado nos dias 12 e 13 de Setembro de 2020, decorreu no campo de futebol da Arreção. Está prevista uma continuação do projeto em 2021 e 2022.



Conclusões

O processo de Mapeamento Cultural, apesar de dificuldades causadas pela inability de contactar todos os habitantes do Vale e pela pandemia Covid 19, conseguiu cumprir com o seu objetivo de servir como base para a dramaturgia do espetáculo. Também contribuiu para chamar a atenção para esta zona da cidade (Vale da Arreção) e para os desafios urbanísticos, sociais e culturais que enfrenta, nomeadamente o facto de se ter tornado ao longo do tempo uma zona esquecida da cidade de Coimbra.



Anexo Nº14 – Poster sobre o projeto *De Portas Abertas* apresentado no XI Congresso Português de Sociologia (realizado por mim e pelo Daniel Lavrador, com orientação de Cláudia Pato de Carvalho)